

Número 08 — Jul 2026

ISSN 2966-2400

AMPLITUDE

REVISTA CRISTÃ DE LITERATURA E ARTES

**POETA EM
DESTAQUE:
JOANYR DE OLIVEIRA**

**ESPECIAIS:
O CRESCIMENTO DA
FICÇÃO CRISTÃ
NO BRASIL**

**UMA LISTA DE
BIOGRAFIAS
MISSIONÁRIAS
PUBLICADAS EM
PORTUGUÊS**

CONTOS:
ALDAIR RIBEIRO DOS SANTOS
EBER ROCHA
EDUARDO YOSHIKAZU NISHITANI
JORGE F. ISAH
LUIZ OTÁVIO NOGUEIRA DIAS
SAMMIS REACHERS

**JARDIM DOS CLÁSSICOS:
SELMA LAGERLÖF**

**HOT SPOTS:
GEORGE MACDONALD**

E MAIS: E-BOOKS GRATUITOS - RESENHAS - GAMES - HQ



AMPLITUDE é uma revista de cultura evangélica, com foco principal em ficção e poesia. Mas nosso *leitmotiv*, nosso motivo de ser e de existir, é a arte cristã em geral: Transitamos por música, cinema, fotografia, artes plásticas e quadinhos. Publicamos artigos, estudos literários, crônicas e resenhas.

Nossa intenção diz respeito àquela despreziosa excelência dos humildes. Nosso porto de partida e porto de chegada é Cristo. Nosso objetivo é fomentar a reflexão e a expressão, AMPLIAR visões, entreter com valores cristãos, comunicar a verdade e o belo e estimular o engajamento artístico/intelectual entre nossos irmãos. Nosso preço é nenhum: a revista circula gratuitamente, no democrático formato pdf.

Nosso e-mail:
sreachers@gmail.com

Instagram: [@revistaamplitude](https://www.instagram.com/revistaamplitude)

Facebook:
www.facebook.com/RevistaAmplitude

Blog:
www.revistaamplitude.blogspot.com.br

Edição, diagramação e revisão:
Sammis Reachers

Imagens: Geralmente IA Chat Gpt.

Você gostaria de saber mais sobre Jesus Cristo e a obra que Ele realizou em favor da humanidade? Conheça as **4 Leis Espirituais**.

SUMÁRIO

Revista Amplitude - Número 08 - Jul 2026

ISSN 2966-2400

Capa	03
Editorial	04
Conto: O milagre da carroça / Luiz Otávio Nogueira Dias	05
Crônica: Linhas de Sintonia / Edna das Dores de Oliveira Coimbra	07
Poesia	08
Conto: Entre Reinos / Eber Rocha	09
Torre de Oração	11
Conto: Gás Hélio / Sammis Reachers	12
Notas Culturais	13
Poesia	14
Conto: Alicerce / Jorge F. Isah	15
Fé em cena: o crescimento da ficção cristã no Brasil	17
Hot Spots: George Macdonald	21
Conto: A Revolta das Palavras / Aldair Ribeiro dos Santos	23
A História das Revistas	24
Poeta em Destaque / Joanyr de Oliveira	25
Jardim dos Clássicos / Selma Lagerlöf	30
Poesia	34
Biografias Missionárias: Uma Bibliografia em Língua Portuguesa	35
Conto: Semeadores estelares / Eduardo Yoshikazu Nishitani	42
HQ: Quadrinhos de Qualquer Coisa	45
Games: I Am Jesus Christ	49
Resenha: Barrabás, de Pär Lagerkvist / Jorge Isah	50
Concursos Literários	51
Pharmacia	52
Download	53
Parlatorium	54

CAPA: Eduardo Kobra, "Davi".

NOVIDADE: Agora AMPLITUDE também circula como revista impressa. Este número está disponível para compra no site da Editora UICLAP, neste link:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua180965/>



A arte de capa deste número de **AMPLITUDE**, que usa por base a imagem da escultura David, de Michelangelo, é a pintura Davi (2020—Técnica mista sobre tela, 190 x 215 cm), do artista brasileiro Eduardo Kobra. Eduardo Kobra nasceu em São Paulo, em 1975, e iniciou sua trajetória artística nas ruas da cidade, ligado ao grafite. Com o tempo, desenvolveu um estilo próprio, caracterizado por cores vibrantes, formas geométricas e retratos em grande escala.

Reconhecido internacionalmente, Kobra realizou murais em diversos países e tornou-se um dos principais nomes da arte urbana contemporânea. Suas obras costumam homenagear personalidades históricas e transmitir mensagens de paz, diversidade, solidariedade e valorização da memória coletiva. Hoje Kobra tem testemunhado sobre sua fé cristã através de obras e de declarações públicas.

Visite o site do artista: <https://www.eduardokobra.com>

EDITORIAL

Tome, pegue que é de graça!



Julho da graça de nosso Senhor da graça chegou e, com ele e com satisfação, lhe entregamos em mãos — ainda que virtuais —, este novo número de AMPLITUDE.

Depois de seu início, em meio à providencial pujança do Império Romano, o cristianismo nunca foi tão contracultural quanto hoje. Seu exclusivismo segue, sim, incontornável, e embaraça uma era de relativismo vazio e esvaziador.

Atenta aos tempos e humilde agente de seu momento, Amplitude se apresenta como balcão de resistência, reafirmando os valores eternos, firme em seu papel de resgatar, promover, divulgar e viver a cultura cristã em toda a sua vivacidade, singularidade e fortuna.

Nesta edição, apresentamos duas matérias que consideramos especiais:

Um texto sobre o “boom” da ficção cristã no Brasil, que vai das telas e *streamings* às páginas dos livros. E uma ampla lista (bibliografia) de biografias de missionários, de ontem e hoje, daqui e dos muitos acolás, já publicadas em português.

E a refeição segue farta:

Em *Jardim dos Clássicos*, um conto da sueca Selma Lagerlöf, primeira mulher a ganhar um Nobel de Literatura.

Em *Hot Spots*, uma seleção de frases de George Macdonald, precursor do gênero fantasia na língua de Shakespeare, teólogo singular e motor inspiracional por trás de *hombres* como C.S. Lewis e G. K. Chesterton.

O *Poeta em Destaque* deste número é o saudoso Joanyr de Oliveira, poeta insigne e árduo promotor das letras evangélicas.

Na seção de *HQs*, os quadrinhos instigantes de Samuel Silva.

O cardápio se completa com as seções tradicionais que formam nossa revista: *Torre de Oração*, *Poesia*, *Pharmacia*, *Resenhas*, *Games*, *Download*, *Parlatorium* e *Notas Culturais*.

Como você sabe, AMPLITUDE circula em formato eletrônico e é gratuita, com periodicidade semestral. Mas temos uma novidade: Agora AMPLITUDE também pode ser adquirida na modalidade IMPRESSA. Isso mesmo, a revista está à venda sob demanda no site da Editora UICLAP, neste link:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua180965/>

Pegue seu café, seu chá, seu isotônico, e boa leitura!

Sammis Reachers, *editor*

EXPEDIENTE: Caso você queira enviar literatura (livros, revistas, fanzines e o que couber num pacote) para AMPLITUDE, esteja à vontade. Nosso endereço é: Rua Joaquim Salles Lima, 60, bairro Tribobó — São Gonçalo — RJ — CEP 24755-230 (em nome do editor, Sammis Reachers).

O MILAGRE DA CARROÇA

Luiz Otávio Nogueira Dias

Foi na terça que deu de cair adoentado o seu Zé Firmino, bem na porta da casa de Dona Zeruia, avó da moça bonita de quem gostava João.

De uma febre tenebrosa, prostraram o homem na cama e já não levantava mais, custosamente abria os olhos. Os soros caseiros e chás de Dona Zeruia não ajudavam mais e a enfermidade parecia piorar.

Foi por isso que se desesperou a velha, e pôs a neta para ir buscar a carroça para levar o moço ao vilarejo próximo, que lá tinha doutor.

Era tarde e começava a chover quando a garota voltou da vila onde ia para estudar. No lugar de pão doce molhado no café, após tirar as pequenas sandálias e deixá-las na soleira da porta como de costume, foi recebida com as instruções corridas da vó que preparava os cavalos para levar o doente e ordenava a neta que buscasse o meio de transporte.

Dentro de casa a menina corria junto da mulher de um lado para outro e vez em quando parava a admirar a triste cena do moço prostrado sem forças. Seu Zé Firmino era homem ainda jovem e já algumas vezes tinha conduzido o ônibus escolar que ela pegava até o vilarejo, ainda cedo na madrugada.

Vê-lo ali, antes forte e resistente, agora sem ímpeto e pálido, dava-lhe algo que não sabia o que. Enquanto se angustiava com a situação do pobre, chegou o menino, chamado pela avó para ajudar a garota a buscar a carroça.

João era o ajudante da casa, filho de um velho amigo da avó, que em sua mocidade trabalhara na mesma função. Hoje o pai dele mandava nas colheitas; o filho ia ajudando nas casas das redondezas para ganhar seus trocados.

— João, trate de ajudar a pequena a buscar a carroça, por favor.

— Quantos cruzeiros a senhora me dá?

A velha parou com uma expressão indignada.

— Ora... Três cruzeiros.

Os dois saíram pela porta de trás da casa, debaixo da chuva que engrossava, deixando a avó sozinha em sua afobação. Em sua correria, a menina deixou as sandálias na entrada e saiu descalça, ainda com a blusa e calça de uniforme da escola. A carroça ficava guardada no galpão da roça vizinha, depois do mor-

ro. Pela estrada, corriam ainda — ela aflita e ele desejoso de seu pagamento.

— Por que é que seu Firmino caiu doente na casa de sua vó, hein, rosinha?

— Por que é que você me chama assim? Já disse que não tenho nome de rosa.

Ele sorriu e olhou de relance para a garota em meio à correria.

— É que cê tem jeito de rosinha.

Ela não respondeu. Terminaram de subir o monte e ela abriu a porteira.

Já chovia forte e a avó não podia esperar. Ao entrar no galpão, ela se posicionou de pressa atrás do carro enquanto o garoto ia levando a parte dianteira.

Ela empurrava e ele levava a frente.

A chuva fazia estrondos no teto do galpão e o frio começava a tomar conta dos corpos pequenos de criança. Chegaram à estrada já transformada em lama com dificuldade; mal saíam do lugar debaixo da tormenta.

Chovia como nunca e a barra da calça pesava, ensopada de lama. Os pés descalços escorregavam na terra batida molhada. E apesar da muita força, os pequenos braços frágeis não conseguiam mais empurrar a carroça.

Espiou por detrás do carro e lá estava o amigo ensochado como um borrão em meio ao aguaceiro, erguendo com as mãos a haste que devia ser usada pelos cavalos para conduzir a estrutura.

— Por que é que não anda, João?

O menino soltou a haste e, com movimentos exagerados, pôs-se a buscar razão para o inconveniente e logo a encontrou. A roda esquerda se via soterrada na lama até quase a metade da sua altura. Gritou bem alto para a garota, apontando com o dedo o problema.

— A carroça atolou! Nós vamos ter que tirá-la.

Ela sentiu um nó apertar a garganta; chacoalhou as mãos em vão, como se tentasse afastar os nervos. Contornou a carroça e parou junto à roda atolada com o garoto, que tinha as mãos firmes na parte ainda visível do objeto e tentava levantá-lo.

— Vamos, me ajuda!

Os trovões retumbantes comiam as palavras pela metade, mas ela entendeu e automaticamente se pôs a puxar a roda soterrada para fora da terra.

Começaram a atingi-los rajadas de vento carregadas de frio cortante. Punham toda a sua força para arrancar aquela roda teimosa da lama, mas não saía por nada.

— Mais forte!



O menino bufou e, com um joelho no chão, encurvou-se sobre o próprio corpo a fim de realizar a maior força possível. A garota o acompanhou, agarrando com as duas mãos a parte superior da roda e erguendo-as firmes. Os dois já mal se viam — se alguém olhasse à distância, a água cobria tudo com um véu prateado.

Na força de puxar a roda, de tão inclinada para trás, a menina deixou escapar o encaixe das mãos no objeto. Encharcadas, elas escorregaram da roda e, numa sequência, a garota caiu de bunda em meio ao lamaçal.

— Não vai dar certo! — Quis chorar, mas tinha logo que regressar a casa, e chorar não era o que a ajudaria agora. Olhou desesperadamente ao seu entorno e ao garoto prostrado.

— Continua puxando, eu vou empurrar!

O garoto nem sequer ouviu suas palavras debaixo da chuva e continuou a cansar os braços em seu esforço vão. Angustiava a moça pensar na situação do doente, carente daquele transporte.

De volta à parte traseira da carroça, jogou-se contra a madeira e, com a força toda do corpo, empurrou. Pisava firme contra o solo e pressionava-se tanto contra o carro que lhe doía toda a lateral do corpo.

A carroça não saía do lugar.

— Não vamos chegar! — gritou o outro.

Lágrimas saltavam de manso dos pequenos olhos desesperados e ela seguia empurrando o veículo.

— Não para de puxar!

O garoto continuava arduamente a puxar a roda e nada mudava. Ela pensou na avó ansiosa com a ausência dos dois, em quão doente estava Zé Firmino.

Entre lágrimas, empurrando a carroça, veio-lhe uma terna memória. A voz que tinha guardada em mente de uma mulher linda. Lembrou-se da mãe em pé ao fogão, ensinando-lhe a quem pedir ajuda quando mais ninguém a socorresse.

Baluciando, entre respirações ofegantes, ela orou:

— Menino Jesus, me ajude só a levar essa carroça até em casa. É que seu Zé Firmino está muito ruim e precisa muito dela. Preciso que você me ajude a levar ela até lá, por favor!

A chuva não dava trégua, o dia já começava a virar noite e a carroça não se movia.

Chorosa e exausta, a menina repetia a prece até chamar a atenção do amigo. Juntando-se a ela, ele pedia a Deus que lhes ajudasse, com vozes trêmulas e miúdas ao léu.

Quando exausta deixou-se cair novamente no chão — e também o companheiro, largando a mão da roda, se pôs de pé ofegante —, a chuva pareceu finalmente amenizar-se.

Levantou-se chorando e perguntou ao outro o que fariam, mas esse nada respondeu. Estava embasbacado. Seguindo o olhar de João, a menina avisou uma terceira criança desconhecida, que nunca havia visto antes na roça. Estava dentro do carro, com um sorriso calmo e largo no rosto.

— Entrem! Vocês já estão molhados demais.

A chuva transformou-se numa garoa calma; a noite vinha chegando com mansidão, como se o dia esquecesse de sua anterior violência. Tomados de um fascínio e temor estranhos, os dois pareceram esquecer o desespero de outrora. O menino, dentro da carroça, os ajudou quando subiram — os dois sem nenhuma objeção ou sequer pensamento contrário ao convite.

Foi um agir automático, como esses que se cometem na hora do susto e depois nem se pode explicar como tal fato se deu.

A carroça desceu pela estrada suavemente, como se passasse por um tapete de veludo. A haste ia suspensa sozinha, como se levasse cavalos invisíveis por baixo.

No interior do carro, silêncio. Os olhos pregados na criança nova, como se quisessem gravar na memória a sua face. E ele, o estrangeiro, olhava simplesmente para o horizonte, sem desviar o olhar.

Tinha um sorriso calmo — mas tão calmo que, aos poucos, a afobação das crianças ia se esvaindo e dando lugar ao sono.

Chegaram adormecidos na porta de casa. A avó tirou aterrorizada os dois do interior da carroça e, como já parava de chover, preparava-a para Zé Firmino.

Meio dormindo acordada, a garota esperou na porta de casa antes de entrar e se deitar como o companheiro.

— Vó, cadê o menino?

A velha parou em sua agitação e encarou a neta.

— O João? Acabou de ir se deitar, ora.

— Não, o outro que veio com nós.

Dessa vez a pausa foi mais brusca e a mulher parou em frente à menina com olhar firme e curioso.

— Só tinham vocês dois aqui. Inclusive, gostaria muito de saber o que foi que fizeram para trazer a carroça até aqui — e dentro dela. Não posso acreditar que depois de chegarem aqui deitaram e dormiram ao invés de me chamar!

A pequena embasbacou-se e não conseguia entender muita coisa. Virou-se lentamente e foi aden-

trar a casa para se secar.

Na soleira da porta lembrou-se da oração e sentiu um arrepio na espinha. Sorriu e sentiu-se esquentar por dentro. Pensou em correr e contar tudo para a avó, mas ela estava nervosa demais.

Banhou-se e deitou. Olhando para o teto, imaginou o céu estrelado e sorriu outra vez.

— Obrigada, Menino Jesus.

E no seu aconchego, dormiu.

Luiz Otávio Nogueira Dias tem 17 anos e converteu-se aos 16, em um campo missionário, atuando pela Jorum Moc. Atualmente frequenta a igreja Batista de Lagoinha em Curvelo, Minas Gerais onde mora. Busca usar todos seus dons e talentos para a glória do Senhor e espera que ele concretize sua caminhada na escrita de maneira que honre o seu nome.

LINHAS DE SINTONIA

Edna das Dores de Oliveira Coimbra

Ninguém arromba porta. Ninguém quebra janela. A invasão é outra. É sutil, é silenciosa, acontece dentro. O salteador não usa arma de fogo. Usa lembrança. Rouba fragmento por fragmento da memória e tranca tudo num cofre que atende pelo nome de Inconsciente.

Ali dentro cabe tudo o que um dia sangrou. E toda vez que eu varro a dor para debaixo do tapete da alma, achando que limpei a casa, é ele quem fica mais forte. Meu algoz ganha músculo no escuro. Vira voz. Voz interna, conhecida. Ora me abraça como aliada, ora me derruba como sabotadora. Eu reconheço o timbre. É o meu. Só que distorcido.

De madrugada, quando a casa dorme e a insônia acorda, ele puxa cadeira. Serve na mesa a ruminação das batalhas que perdi. Repete o vídeo da queda, da palavra mal dita, da porta que bateu. E quando a vida me exige mudança de sentimentos e comportamentos, ele abre um buraco no peito. A gente, apressada, chama de vazio. Mas aprendi: vazio não é ferida. É aviso.

Ansiedade não é inimiga. É alarme tocando na aurora da alma. E aquele oco no peito? Longe de ser fraqueza, é convite. Convite para sentar comigo mesma e perguntar: "do que você está fugindo?"

Foi no meio desse interrogatório que nasceu minha terapia. Não tinha placa na porta nem jaleco branco. Tinha papel. Deitei no divã das folhas pautadas e comecei. Dei nome ao que doía, reconhecendo cada cicatriz: essa aqui se chama Rejeição, essa outra é Abandono aquela ali é Traição, essa aqui é Humi-

lhação, e aquela bem escondida é a Injustiça. E no instante em que o indizível ganhou sílaba, o sintoma virou carta. A dor virou mensagem.

O antigo algoz não foi expulso de casa. Exorcismo não resolve inconsciente. Ele ganhou novo ofício. Agora é sentinela. Sussurra quando eu me traio: "Olha lá, você está se diminuindo de novo". E me cutuca quando o silêncio fica pesado demais: "Fala. Botar para fora também é cura".

Meu tratamento não vem em comprimido. Vem em três doses diárias: prece, poesia, e coragem. O prognóstico? Cura em andamento. Sem alta prevista. Porque quem respira, vive. E quem vive, se trata para sempre. A gente não termina. A gente se mantém.

E o bandido que morava em mim? Depois de muita oração na alvorada, muito louvor entoado, e muito perdão pedido e perdão dado, ele não envenenou mais a minha mente. Pegou a caneta. Virou poeta também.

Hoje, a gente divide a escrivania. Ele dita a sombra, eu escrevo a luz. Ele lembra a dor, eu registro a ressurreição. E assim, a duas mãos, vamos tecendo a vida. Não mais em guerra. Em linhas. Em plena sintonia. Porque, quando o Espírito Santo entra no nosso coração não há espaço para vozes estranhas ou vazias.

Edna das Dores de Oliveira Coimbra é psicóloga com Especialização em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar e Educacional, Mestre em Psicologia Pastoral com especialização em Poimênica. Servidora aposentada do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Membro da Academia Madureirense de Letras (AML), cadeira número 20.

PÓESIA

ESCRÚPULO

Joanyr de Oliveira

Deito o poema na aragem,
longe dos sacrilégios.
Os vassalos do metal,
os abismos, os delírios,
os tímpanos de pedra e cal,
as destros mãos na rapina
e as sinistras nos fuzis,
os decibéis desvairados
com quatro pedras nas mãos,
as volúpias dos cifrões,
os parlatórios e fossas,
as fomes palacianas,
os lobos condecorados
pelos guantes do Sistema
não fazem jus ao poema.

Salmo do Pintor

René Dionnet

Louvai o Senhor, pintores do Senhor,
recriando o mundo em seis dias de amor!
Louvai-o com os primitivos!
Louvai-o nas paredes do santuário ou da casa...
Louvai-o no tríptico ou nos antifonários...
Louvai-o nas telas e nos murais!
Louvai-o na terra verde, suporte da vida...
Louvai-o no vermelho, símbolo de teu amor!
Louvai-o no branco, emanção de teu poder
e no azul símbolo da sabedoria!
Louvai-o nas palhetas da jubilação...
Louvai-o no atelier do trabalho...
Louvai-o na natureza, com os pássaros!
Louvai-o com a erva do chão...
Louvai o Senhor, pintores do Senhor,
pois vossa alma é uma bênção de Deus,
imitação de seu poder criador!

o ateu

Sammis Reachers

desgarrado,
agarrou-se à ciência e seus
cabelos arrebatados, arre-
bentados

afogou-se em espuma, aluado,
nas bordas e pés na areia
ainda do mistério,
do ainda mistério, descalço
de suas Havaianas de motivos retrô

nem meia hora de morto
era já cadáver inchado
baleia ao léu ou um vazio de gás & pus

Lírio e pássaro

Soren Kierkegaard

Que aprendamos o que é tão difícil de aprender
em meio ao tumulto dos homens.

Aquilo que aprendemos,
tão facilmente esquecemos:

O que significa ser homem, e fazer o que Deus
demanda de nós.

Que o aprendamos, e caso o tenhamos esquecido,
tornemos a aprender do lírio e do pássaro.

Que o aprendamos, senão de uma só vez
e cabalmente, ao menos em parte e pouco a pouco.

Que aprendamos agora do lírio e do pássaro:
Silêncio. Obediência. Alegria.

Entre Reinos

Eber Rocha

— Gaguinho! — gritou.

— Ô, Gaguinho! — gritou mais uma vez.

— Tô achando que, além de gago, o Gaguinho é surdo — disse Jorge, enquanto girava o corpo na cadeira e olhava para o fundo do bar.

De sua mesa na calçada, ele podia ver o garçom atendendo um casal que ocupava uma das mesas no fundo, perto do corredor do banheiro.

Pra escolher sentar ali com tanta mesa vaga aqui, boa coisa não é, pensou.

Uma pilastra revestida de azulejos encardidos, com o brasão do Botafogo colado, dificultava um pouco sua visão, mas ainda assim era possível ver o garçom curvado, com um abridor de garrafas na mão e uma caneta Bic encaixada atrás da orelha.

— Ele está vindo agora — disse Antônio, depois de alguns minutos.

— Gaguinho, põe a mão nessa cerveja — disse Jorge, apontando para a garrafa em cima da mesa.

— Vamos, põe a mão — repetiu.

O garçom obedeceu, envolveu a garrafa com a mão direita, aguardou alguns segundos e, sem dizer uma palavra, recolheu a garrafa e seguiu em direção ao balcão.

— Agora, onde já se viu, Antônio, o Gaguinho servindo cerveja quente pra gente?

— Muita coisa mudou aqui — comentou Antônio, com ar de desapontamento. — Principalmente depois que o Português morreu. Eu te falei da semana passada? Você não tem ideia do que aconteceu aqui.

— Minha nossa, Antônio! — interrompeu Jorge. — Olha aquilo lá!

— O quê? — perguntou Antônio, assustado, sentando-se de lado na cadeira e olhando em direção à rua.

— Lá do outro lado. No campinho.

Antônio percorreu o olhar pelo ponto de ônibus até chegar ao campinho de terra batida. De repente, um ônibus parou no ponto e bloqueou sua visão por alguns minutos. Após o ônibus sair, ele notou que um grupo de pessoas havia se juntado a um segundo

grupo que já se encontrava no campinho. Continuou olhando até o outro lado, no outro gol, onde alguns meninos disputavam uma bola que parecia estar furada.

— Não está vendo? — questionou Jorge. — Lá, com os crentes — disse ele, com entusiasmo na voz.

— O quê? — perguntou Antônio, colocando-se de pé.

— Perto da caixa de som. Aquele não é o Carça?

Antônio percorreu, um a um, o grupo de pessoas no campinho, até ver, perto de uma caixa de som, um homem magro, de camisa branca e usando uma gravata preta.

— Não acredito, Jorge. Acho que é ele mesmo.

— Vamos ver se está gelada agora — disse Jorge, envolvendo com a mão a garrafa que o garçom acabara de colocar sobre a mesa.

— Ah, agora sim. Olha agora, Antônio.

O companheiro fez o mesmo gesto com a mão, enquanto dividia o olhar entre a garrafa na mesa e as pessoas reunidas no campo.

— Bem melhor — disse ele, voltando a sentar-se.

— Gaguinho, você sabia que o Carça tinha virado crente? — perguntou Jorge, apontando para o campinho.

O garçom encheu os dois copos sobre a mesa, pegou a tampinha da garrafa e seguiu com o olhar na direção apontada pelo indicador de Jorge.

— Na-não — respondeu, sorrindo.

— Inacreditável — disse Jorge, com tom de surpresa na voz. — Se eu não tivesse visto, não acreditava.

— Essa tá gelada mesmo — disse Antônio, colocando o copo vazio de volta na mesa.

— Lembra lá no Cebra-Cebra? — perguntou ele, rindo.

— Cebra-Cebra?

— É, aquele forró que ficava perto da estação.

— Lembro, lembro — confirmou Jorge. — Já fechou tem alguns anos.

— Lembra do Carça lá?

Jorge completou o copo do amigo e depois o seu, deixando a garrafa um pouco abaixo da metade. Ficou alguns instantes pensativo.

— Não lembro — disse, por fim.

— Não lembra? Era aniversário do Doda da oficina. A irmã dele foi, não lembra? Não lembra dela com o Carça?



— Não tô lembrado.
— O Carçaça encheu a cara e sumiu com a irmã do Doda. Não lembra disso?

— Não — respondeu Jorge, sorrindo e completando novamente os dois copos, esvaziando a garrafa.

— Eles sumiram no meio da festa, o Doda ficou doido. E, na época, o Carçaça tava casado com aquela baixinha que trabalhava no mercado da Rua do Sapê.

— Gaguinho, traz mais uma! — gritou Jorge. — E aí?

— E aí que ele sumiu com a irmã do Doda por uns dois dias. Deu até polícia. Só não sei se quem chamou foi a mulher dele ou o Doda.

— Ge-ge-gelada — disse o garçom, enquanto colocava mais uma garrafa sobre a mesa.

— Gaguinho, traz dois ovos coloridos pra gente — falou Jorge, olhando para o balcão, observando, pelo vidro gorduroso, os ovos rosas e azuis que rodeavam parte de um pernil em cima de uma bandeja. Como súditos diante de um rei.

Outro ônibus parou no ponto, atraindo a atenção dos dois homens.

— Antônio, é ela, não é? — perguntou Jorge após a partida do ônibus. Uma vez mais, Antônio virou-se para a rua.

— A baixinha! — gritou ele. — A baixinha do mercado!

Os dois homens viram a mulher de baixa estatura, vestida com uma saia preta e blusa rosa de mangas compridas, caminhar até o campinho de mãos dadas com um menino de uns seis anos. Após cumprimentar algumas pessoas do grupo, ela parou ao lado do homem, perto da caixa de som, e lhe deu o braço.

— Lavagem cerebral — diagnosticou Jorge ao ver a cena. — Chega a ser triste, né?

— Sim, é triste mesmo.

Outro ônibus passou, bloqueando novamente a visão dos dois homens.

Do outro lado da rua, Júlio César chegou um pouco antes do horário para ajudar na arrumação. Ele e Jonas tiraram da Kombi duas caixas de som Watson — uma para ligar o instrumento e outra para o microfone.

— Irmão, esse ponto aqui no campinho é bom porque podemos puxar a energia da casa do irmão Altair. Aquela casa ali é a dele — disse Jonas, apontando para uma casinha simples na beirada do campo.

— Eu vou lá falar com ele e puxar a extensão.

Júlio César assentiu com um movimento de cabeça e colocou-se ao lado de uma das caixas de som.

Depois, viu do outro lado da rua, em frente ao ponto de ônibus, dois homens sentados, ocupando uma mesa na calçada.

Jorge e Antônio, pensou.

Quase de forma instantânea, sua mente trouxe lembranças do lugar. Mais uma vez, Júlio César sentiu o cheiro de cerveja e gordura, e a naftalina que o Gaguinho jogava no banheiro na tentativa de disfarçar o eterno cheiro de urina.

Lembrou da pilastra no meio do bar e do dia em que colou a estrela solitária do Botafogo para irritar o Português, que era vascaíno. O mesmo Português que o expulsou a pontapés às duas horas da manhã, no dia em que ele não tinha dinheiro para pagar tudo o que bebera.

— Beber de graça aqui não, Carçaça!

Um ônibus parou no ponto, bloqueando a visão do bar. Júlio César fechou os olhos e abaixou um pouco a cabeça.

— Senhor, obrigado por me resgatar...

Abriu os olhos e viu que mais irmãos chegaram para o culto.

— Pronto, trouxe a extensão. Tá tudo ligado lá. Agora é ligar aqui e aguardar o restante do pessoal chegar — disse Jonas, com animação, enquanto encaixava as tomadas das caixas de som na extensão.

Júlio César notou que Martinha estava entre os que desceram do ônibus. O filho deles, junto com ela.

— Você está bem? — perguntou ela, quando parou ao seu lado.

— Estou — respondeu.

Ela também olhava em direção ao bar do Português. Aproximou-se ainda mais do marido e passou seu braço pelo dele.

Júlio César olhou para a esposa e sorriu. Depois fechou os olhos novamente.

— Senhor, liberta eles...

Ele abriu os olhos, foi até a caixa de som, conectou um microfone, girou o botão de volume até perto do máximo:

— Alô — disse Júlio César, testando o microfone.

O som alto soou por todo o campinho, pelo ponto de ônibus e invadiu o bar do outro lado da rua, fazendo com que várias pessoas virassem o rosto em direção ao campinho, à procura da origem do som.

— Hoje — iniciou Júlio César — quero contar para vocês quem eu era, quem eu sou agora e quem me transformou.

Eber Rocha é formado em Ciências Náuticas e trabalha para a Petrobras. Membro da PIB do Recreio (RJ).

TORRE DE ORAÇÃO



Prece de um Astronauta

Dai-nos, ó Deus, a visão que pode enxergar o Vosso amor no mundo, a despeito dos fracassos humanos; dai-nos a fé para entregarmo-nos à Vossa vontade apesar da nossa ignorância e da nossa fraqueza; dai-nos o conhecimento, para que possamos continuar dirigindo-nos a Vós com o coração sensível, e mostrai-nos o que cada um de nós pode fazer para apressar a chegada do dia da paz universal.

(Primeira oração humana feita fora de nosso planeta, quando a nave Apollo-8 completava sua terceira volta em torno da Lua, a 120km da face do astro, oração essa proferida pelo comandante Frank Borman, pregador leigo da Igreja Episcopal de São Cristóvão, Houston – Texas.)

Oração do Abandono

Robert Kennedy

Em Tuas mãos, ó Deus, eu me abandono. Vira e revira esta argila, como o barro na mão do oleiro. Dá-lhe forma e depois, se quiseres, esmigalha-a, como se esmigalhou a vida de John, meu irmão.

Pede, ordena! Que queres que eu faça?

Elogiado e humilhado, perseguido e incompreendido, caluniado e consolado, sofredor e inútil para tudo, não me resta senão dizer a exemplo de Tua Mãe: “Faça-se em mim segundo a Tua palavra”.

Dá-me o amor por excelência, o amor da cruz; não o da cruz heroica que poderia nutrir o amor-próprio, mas o da cruz vulgar, que carrego com repugnância, daquela que se encontra cada dia na contradição, no esquecimento, no insucesso, nos falsos juízos, na frieza, nas recusas e nos desprezos dos outros, no mal-estar e nos defeitos do corpo, nas trevas da mente, na aridez e no silêncio do coração.

Então, somente Tu saberás que te amo, embora eu mesmo nada saiba. Mas isto basta!

Oração de um condenado à morte

Thomas Morus, poucos momentos antes de ser sacrificado

Deus onipotente,
tem piedade de mim e de todos
os que me causam mal
ou querem prejudicar-me;
e pelos melhores meios que a tua suave
misericórdia
e infinita sabedoria puder imaginar,
digna-Te de corrigir e reparar
ao mesmo tempo as minhas faltas e as deles,
e faz que as nossas almas remidas
se encontrem, juntas, no céu
onde possamos viver e amar para sempre,
contigo,
e em união com os teus santos bem-
aventurados,
ó gloriosa Trindade
graças à amarga Paixão de N.S. Jesus Cristo,
nosso doce Salvador.
Amém!

Senhor, preocupo-me porque me esqueço da Tua sabedoria. Sinto ressentimento porque me esqueço da Tua misericórdia. Cobiço porque me esqueço da Tua beleza. Peco porque me esqueço da Tua santidade. Temo porque me esqueço da Tua soberania. Ajuda-me a lembrar de Ti. Amém.

Timothy Keller

GÁS HÉLIO

Sammis Reachers

Foi nomeado pela paixão do pai e fonte de sustento da família, desde antes dele fazer parte da mesma: Hélio.

Seu pai, Airton, era vendedor de balões ou bexigas infladas por gás hélio, aqueles bólidos flutuantes em forma de peixe, escudo do flamengo ou cabeça do Mickey.

Aluno destaque do sexto ano do CIEP 051 Municipalizado Anita Garibaldi, em São Gonçalo/RJ, Helinho nutria carinho todo especial pelos balões que ajudaram a nomeá-lo e a provê-lo. O menino auxiliava o pai nos encontros e montagens, e sempre que podia era levado aos pontos de venda: Rotineiramente o Campo de São Bento, em Niterói, ou eventos sazonais, um aniversário de Itaboraí aqui, um feriado de São Gonçalo acolá, um festival de pipas em Maricá, por trás-os-montes. O menino já conhecia toda a Região Metropolitana do Estado do Rio.

O mesmo não ocorrera com seu predecesor em chegada na família, Heitor, irmão mais velho. Aliciado no portão de casa, ponto de revenda de drogas no depauperado bairro Jardim Catarina, cedo tomou o caminho da marginalidade.

Morreu no dia primeiro do segundo ano de carreira, a 200 metros do portão da casa do “seu Airton do Gás”; seu portão, seu pai.

Baque no sonhador Helinho, bordoadas de moer menino tenro. Notas decaíram, participação nas aulas, na igreja. Seu sangue e companheiro de pelada no quintal, seu parceiro de PlayStation, seu incentivador nas paqueras, seu torto herói se fora.

Na velha coleção de biografias achada por seu pai no lixo, nas portas de um grande edifício, ao chegar pela manhazinha lá no niteroiense Campo de São Bento, Helinho mer-

gulhava sua solidão. Numa das biografias, a do padre brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão, nosso primeiro inventor e pai do balão a ar quente, um estalo.

Inspirado numa prática de produção textual que aprendera na escola, o aluno destaque do Anita Garibaldi passou a escrever cartas; primeiro para si mesmo, refletindo sobre sua perda. Logo as endereçava a seu irmão. Por fim, o salto humanitário, digno de um Gusmão, uma Anita: Helinho passou a escrever ternas mensagens para pessoas que tivessem *perdido alguém*, tal como ele perdera. E assim surgiram “*Carta a uma mãe que perdeu um filho*”, “*Carta à criança que perdeu a avó*”, “*Carta a quem perdeu um irmão*”. Contando brevemente sua história, Hélio contextualizava sua mensagem para diversos leitores em potencial.

Um belo dia, tendo imprimido uma quantidade de cópias de cada cartinha, Helinho as atou a balões inflados de hélio – não os artísticos balões vendidos pelo pai, mas modelos simples, como as bexigas de festa de aniversário – e, subindo para a laje de sua humilde casa, soltou os balões, vagões de sonho lotados de afeto, nos ares de sua São Gonçalo.

No primeiro dia foram 30. Quinze dias depois, o menino despachava mais 15. E assim, usando de suas economias, o menino adquiria os balões e inflava-os com os botijões de gás do pai, liberando suas mensagens pelo ar.

Em apenas três dias depois dos primeiros lançamentos, duas marcações no perfil do menino no Instagram apareceram. Pessoas curiosas, que encontraram uma das mensagens, nas quais constava também o endereço do menino, e seu perfil naquela rede social. Mas demorou 45 dias para chegarem as primeiras cartas. Cartas de papel, como as de Helinho. Uma mãe e uma irmã.

“*Querido menino Hélio. Encontrei seu balão pendurado nos galhos de uma árvore em*



Alcântara. Era de manhazinha, eu ia pro meu trabalho nos Correios. Sua mensagem me fez chorar no ônibus, pois perdi minha mãe há seis meses. Ainda sofro. Mas acredito que Deus usou você para me mandar uma mensagem de conforto. Obrigado, meu filho. Não te conheço, mas você já conquistou uma amiga.”

A segunda carta – outras viriam – era de uma adolescente de 17 anos, Ágatha. Ela viu o balão do menino caído em seu quintal, de tarde, ao chegar do cursinho pré-vestibular. Com a mensagem em mãos, Ágatha entrou no quarto de seu irmão, deitou-se em sua cama e chorou. Mateus partira ia pra um ano.

“Oie!

Me chamo Ágatha, sou moradora aqui do Vila Três, em São Gonçalo também. Cara, sua cartinha chegou a mim, bem no meu quintal! Eu perdi meu irmão assim como você. Meus sentimentos por sua perda.

Sua mensagem me trouxe uma alegria que não sei expressar; era como um recado de meu irmão, dizendo para mim e minha mãe

sermos fortes, que ele está bem.

Precisei escrever para você. Ia mandar mensagem no privado em seu perfil, mas resolvi escrever uma carta, assim como você. Minha primeira carta. Nem sei como enviar! Mas vou no correio me informar.

Estou escrevendo essa carta na cama de meu irmão. Minha mãe doou as coisas dele, roupas e tals, mas deixou a cama como estava. Pra lembrar dele, sabe? Mas não sei se isso é saudável, pra nós duas. Pois ambas choramos muito nesta cama. Já a peguei de madrugada ajoelhada aos pés da cama dele, chorando sozinha, e dizendo ‘onde foi que eu errei?’ Mas somos tantas famílias nessa situação...

Hélio, venho agradecer seu gesto, sua forma de ajudar as pessoas. Você é um anjo que, não tendo asas, criou as suas com palavras e bexigas de gás. Obrigado obrigado obrigadooooo!”

Voa, Helinho. Voa e trabalha, que faltam anjos no mundo, e os que desistem, no lugar de uma segunda chance, são mortos a bala.



NOTAS CULTURAIS



■ O ministério Christian Art está promovendo globalmente o *Prêmio Faith Art*, destinado a premiar (com bela soma em dinheiro) artistas cujas obras dialogam com a fé e o sagrado. Maiores informações [AQUI](#).

■ O GCB é um projeto que avalia modelos de IA especificamente para o trabalho da Grande Comissão. Ele faz uma pergunta prática: Quais modelos de IA realmente ajudarão você a fazer discípulos? Para responder a essa pergunta, o indicador mede três áreas principais: Capacidade da tarefa, fidelidade à essência do Evangelho e alinhamento com a cosmovisão cristã. Confira o site do projeto [AQUI](#).

■ O teólogo, missionário e escritor Fábio Ribas publicou recentemente seu mais novo livro, *Chão de Flores: Haikais e haibuns sobre o amor e o tempo*. Disponível na Amazon, [AQUI](#).

■ De 04 a 07 de junho aconteceu, em Curitiba, a Bienal de Arte Cristã, iniciativa de Rodolfo Amorim, co-fundador da L’Abri Brasil. Confira [AQUI](#).

■ De 16 a 19 de julho acontecerá a quinta edição da FEFFIC (Feira de Ficção Cristã e Cultura). Confira [AQUI](#).

■ O novo filme dos irmãos Kendrick (de *Corajosos* e *Quarto de Guerra*, dentre outros) estreia em setembro no Brasil. Intitulado *A Virada — Ignição da Alma*, a obra foi gravada no Brasil e é uma releitura do filme *A Virada*, abordando temas como arrependimento, restauração e transformação pessoal. Confira [AQUI](#).

■ De 25 a 27 de junho o tradicional Festival Prosa e Canto, em Anápolis (GO), comemorou duas décadas de atividades reunindo músicos e compositores cristãos ligados à MPB, ao folk e à música congregacional. Confira [AQUI](#).

POESIA

Hino a Deus

Gregório Nazianzeno (329 – 389 d.C.)

Tu que estás além de tudo
podemos designar-Te de outro modo?
Que palavra pode celebrar-Te
se nenhum vocábulo Te designaria pelo nome?

Tu és o único inominável,
Tu que criaste todas as coisas que a palavra significa.

Tu és o único incognoscível,
Tu que criaste todas as coisas que o conhecimento atinge.

Tudo o que fala e tudo o que não fala
afirma a tua glória.

Tudo o que é racional e tudo o que não é racional
glória Te rende.

Os desejos de todos e os sonhos de todos
gravitam em torno de Ti.

O universo inteiro, que tem a inteligência do teu ser,
a ti canta um hino de silêncio.

Tudo permanece em Ti e tudo converge para Ti.

Tu es o fim de todas as coisas. Tu és o único.

Tu és o Tudo.

Como Te chamarei, ó Tu,
o Único que não tem nome?

Sê-nos propício,
ó Tu que estás além de todas as coisas.

Glória a Ti, Senhor Jesus,
imagem visível do Deus invisível.
Amém.

PALAVRA BOA

Gilberto Celeti

Quero usar palavra boa,
Que liberta e abençoa,
Que amplia o entendimento,
A visão, compreensão;
Que traz encorajamento,
Força, paz, consolação.

Quero usar palavra boa,
Que transforma e abençoa,
Que afasta a vergonha
Tira a culpa, tira o medo,
Muda a face que é tristonha,
Muda em doce o que era azedo.

Quero usar palavra boa,
Que é saudável e abençoa,
Que perdoa, une e cura
Faz a reconciliação;
Alegria traz, tão pura,
E profunda gratidão.

Quero usar palavra boa,
Sim, palavra que abençoa,
Que transmite a verdade,
Que demonstra sempre amor,
Que promove liberdade;
Paz no homem interior.

Quero usar palavra boa
Que encoraja, que abençoa;
Cada dia o meu falar
Possa a Deus glorificar!
Só Jesus viveu assim.
Cristo, vem e vive em mim!

Manjedoura

Aldair Ribeiro dos Santos

O menino nasceu num berço de vácuo
onde cabiam todos os abandonos
Não tinha cetro, tinha um resto de palha
e uma mosca que lhe visitava o sono
Deus, para se fazer enorme
precisou primeiro se desimportar
Ficou do tamanho de um grão de gente
para crescer, morrer, vencer, amar...

A poça, os porcos, a pérola

Luiz Guilherme Libório

O verdadeiro artista é o refletir da lua em uma poça de lama
no centro de um chiqueiro.
Os porcos pisam a lua, pérola da noite, e apagam na lama a
luz antes refletida.
Porém a lua verdadeira, a arte, no alto permanece, mesmo
depois do amanhecer.
O verdadeiro artista não é a poça, nem a lua: ele é o refletir da
lua na poça.
E os porcos são os que pisam as ruas, poças, nomeadas em
honra a artistas mortos.
A arte, sem o artista, não seria pisada pelos porcos, é verdade.
Mas a arte, sem o artista, também não presentearia a terra
com o seu reflexo.

Alicerce

Jorge F. Isah

O céu era de um azul embaçado, salpicado de aves e seus voos alheios ao mover das ondas, em águas esverdeadas até atingirem os bancos de areia e se transformarem num verde camuflado, enquanto o sol tentava curar um pileque e recuperar as forças. Pisquei os olhos e senti os nervos se distenderem,

mas a visão permaneceu escorregadia... Alguns na areia... um cão ou outro... a maioria em guias e correias... o calçamento de atletas semanais e diários, cada um em seu próprio esforço, numa corrida contra o tempo, na tentativa de barrá-lo em velocidade moderada... Havia bancos de madeira vazios àquela hora, em que a preguiça não movia quase ninguém à admiração e descanso. Passei a mão na superfície e grãos de areia caíram... alguns se prenderam à pele... esfreguei uma na outra e a ranhura libertou-a... Aquele era o mundo de Deus, criado para o nosso deleite... mesmo que o homem tenha deixado nele feridas — algumas cauterizadas, outras expostas — era possível vê-las, mas nem assim ocultavam as geniais e múltiplas facetas de vida a transpor o espaço... Sim, ele era original e criativo, e a manhã, talvez um pouco menos exuberante, indicava a majestade do artífice... Um quê de saudade sobreveio. Baixei a cabeça, olhos cerrados, e repeti algumas



vezes: “obrigado”!... Esperei. O sol aquecia a face esquerda, e um reconfortante calor irradiou para o pescoço. O medo do bronze dividir o rosto me pôs em movimento. Caminhei lentamente. Retive o odor do mar. O balanço da maré. O azul pálido. O verde encardido.

Retive o vagar de urubus e gaivotas.

O catar dos pombos. A solidão vadia pelos caminhos... Eu

era o estranho no ninho.

Com minha calça jeans, tênis e a camiseta da nova coleção do Galo.

Entre shorts, bermudas e

regatas, deveria atrair algu-

ma atenção, mas os poucos olha-

res se revelaram acasos... Depois da temporada em São Paulo, voltar à cidade dos últimos anos trouxe a nostalgia... Quando parti de Belo Horizonte, queria uma vida menos agitada, e a praia configurou-se o destino. Veio-me a analogia: havia saído do purgatório, estava em direção ao paraíso e, subitamente me vi cair no fogo do inferno. Foi uma via-profana... onde o céu era o limite, mas tive de me contentar na companhia dos demônios... A imagem fez-me mover os lábios, num minúsculo espasmo “a la Duchenne”... Um homem fumava. Mantinha o cigarro à altura da boca, o cotovelo apoiado no joelho, e o pé esquerdo sobre um dos bancos. Ao passar, desejei “bom dia”, sem resposta... à frente, um casal e seus cães. Senti-me um ET quando nossos olhares se cruzaram. Balancei a cabeça, mas logo vi que eram reféns dos mascotes e contrapeso dos seus músculos... Um ciclista, depois corredores, e a etiqueta não era suficiente para tirar a casca deles. Quando muito,

atiravam-na aos meus pés, na esperança de me ver no chão... A grama aparada. Arbustos podados. Sanitários recém-instalados. Tudo pronto para receber turistas e nativos, até mesmo fezes e urina que o tempo e a faxina ainda não deram conta... Os quiosques estavam em feira. Cadeiras, mesas, guarda-sóis. O gelo triturado. O tilintar dos utensílios. Caixas e latas rilhando. Um comando aqui e outro ali. Passos silenciados na areia... A qual mundo está o prisioneiro na caixa?... Novo banco. Areia. Gestos. Sentei... Por mais estático ou em movimento, o olhar é o que definia as coisas... Se seus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se forem maus, todo o teu corpo será tenebroso... E não havia como escapar dessa sentença... Olhar o horizonte diminuía o desejo de olhar abaixo ou os lados... A visão perdida no silêncio distante, na imobilidade, na expectativa de que quanto menos se move mais próximo da perfeição está... o movimento tem muitos riscos... Caminhei. Entrei em ruas ainda sonolentas... apenas o vento a mover as copas e espalhar os papéis e plásticos a lugares incertos... Dobrei à direita. Na esquina contrária havia três velhinhas, na casa dos setenta e tantos, rodearem o muro. Uma delas ainda estava de pijama. Apontavam. Conversavam. À distância não distingui a razão. Foi quando vi um portão de garagem enjambrado. Aberto como uma lata de sardinhas pela metade. Não foi difícil imaginar o estrago do pé-de-cabra. As mulheres apontavam para lá e depois para cá. Uma viatura chegou, e uma delas disse “mas que demora!”, não sem antes se certificar de os guardas estarem na posição de não ouvirem o reclame. Pelo andar da dupla de mulheres, nem se

ela tivesse sussurrado em seus ouvidos modificaria o seu estado... Continuei. Um ciclista veio de encontro, passou rente a mim: “Lá vai o buraco de bala”... Soltei um riso amarelo... O que era aquilo?... Piada, ameaça, loucura?... Um cão manquejava na calçada... Havia algo de triste... enquanto outros, bravos e megalômanos, entre grades e chapas, latiam... cada um com o seu destino... Um andarilho me pediu ajuda... Não além dos dois metros de distância... Fiz sinal de me aproximar, mas não esperou. Levantou o braço e fez o gesto de “deixa pra lá!”: “Não quero lorota de cren-te!”

Tinha sido a Bíblia suficiente para irritá-lo?... Estava duro, era verdade. Havia dias não tinha dinheiro... Mas ele não queria contato... Não valia o pão com margarina... Vi montes de lixos, móveis queimados nas esquinas, tudo revirado que nem os cães se arriscavam a mexer. Mas a Serra imponente ao fundo apontava para um dia onde tudo seria restaurado, e nada de feiura, sujeira ou pobreza... Também não haveria ostentação e desperdício... a medida certa, sem faltar ou sobrar...

Ouvi a métrica e simetria impecáveis... as notas do órgão... e o refrão: “Santo, Santo, Santo...”.

Jorge F. Isah é jornalista, escritor e editor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros títulos, disponíveis na [Amazon](#).

Fé em cena: o crescimento da ficção cristã no Brasil

Da televisão aberta ao streaming, dos livros às feiras literárias, o país com maior população evangélica do mundo constrói um ecossistema robusto de entretenimento cristão

Numa terça-feira de novembro de 2015, algo incomum aconteceu no horário nobre da televisão brasileira. A Rede Record exibiu a cena em que Deus abre o Mar Vermelho para o povo hebreu, e a média de audiência chegou a 28,1 pontos em São Paulo, contra 20,8 da Globo — cada ponto equivalendo a 67 mil residências na capital paulista. A novela *Os Dez Mandamentos* não apenas havia derrotado a emissora dominante em sua própria casa; havia revelado ao mercado algo que muitos ainda não tinham quantificado: o Brasil era, e é, um país com sede de ficção cristã de qualidade.

Dez anos depois daquela noite, esse apetite se expandiu para muito além da televisão aberta. Livros, streaming, feiras literárias, plataformas independentes — a ficção de temática cristã no Brasil atravessou fronteiras de gênero, formato e público, tornando-se um dos segmentos mais dinâmicos do mercado cultural brasileiro.

A televisão que abriu o caminho

A Record TV, emissora controlada pela Igreja Universal do Reino de Deus, foi a pioneira e ainda é a maior produtora brasileira de ficção bíblica. Antes de *Os Dez Mandamentos*, a emissora já havia testado o terreno com minisséries como *A História de Ester*, *Sansão e Dalila*, *Rei Davi*, *José do Egito* e *Milagres de Jesus*. O sucesso desses formatos foi dando à emissora a confiança para investir numa superprodução de fôlego.

Adaptada por Vivian de Oliveira a partir de quatro livros da Bíblia — Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio —, *Os Dez Mandamentos* foi exibida entre março e novembro de 2015, alcançando média geral de 16,3 pontos. Cada capítulo teve orçamento de cerca de R\$ 700 mil, a produção contou com 28 cenários, 7 mil metros de cidade cenográfica e efeitos especiais desenvolvidos em parceria com profissionais de Hollywood.

O impacto ultrapassou as fronteiras do país. O *New York Times* publicou uma reportagem extensa sobre a força da tele-dramaturgia bíblica brasileira, e o diretor Alexandre Avancini atribuiu parte do sucesso ao momento político do país: "Infelizmente vivemos uma era de muita corrupção. Moisés não é corruptível. Os

brasileiros podem ver um pouco de esperança nessa história."

O sucesso foi tamanho que a Record produziu uma versão cinematográfica, que está até hoje na lista dos filmes brasileiros com mais de 5 milhões de espectadores. Na esteira do êxito, a emissora lançou *O Rico e Lázaro* (2017), *Jezabel* (2019), *Gênesis* (2021), *Reis* (2022) e, mais recentemente, *Paulo, o Apóstolo* e *A Vida de Jó* (2025), consolidando um gênero que se tornou marca registrada da emissora.



A explosão do livro cristão

Se na televisão o fenômeno tem décadas, no mercado editorial cristão a aceleração é mais recente — e vertiginosa.

Segundo Renato Fleischner, diretor de operações da Editora Mundo Cristão, o público evangélico é hoje considerado o maior segmento de leitores no Brasil. Em 2024, a editora vendeu mais de 310 mil exemplares de livros físicos, com aumento de 45% no faturamento em relação ao ano anterior.

Mas é na ficção cristã especificamente que os números surpreendem. Na Editora Mundo Cristão, o faturamento com o gênero cresceu dez vezes entre 2022 e 2023. Em 2024, a expectativa era vender 190 mil

exemplares de ficção cristã. A distribuidora Plenitude registrou números ainda mais expressivos: as vendas do segmento cresceram 399% em 2023 em relação a 2022. E só no primeiro semestre de 2024, foram vendidos mais exemplares do que em todo o ano anterior.

Entre 2022 e 2024, o faturamento com ficção cristã cresceu mais de 5.000% na Mundo Cristão — um número que, isolado, seria difícil de acreditar, mas que os editores confirmam com dados concretos.

O título que mais simboliza essa virada é Corajosas: os contos das princesas nada encantadas, da Mundo Cristão, vencedor do Prêmio Areté 2024 — o reconhecido prêmio da Associação dos Editores Cristãos do Brasil — na categoria Ficção e Romance. O presidente da ASEC, Elton Melo, destacou na cerimônia a melhoria significativa na qualidade das obras produzidas e o aumento no número de editoras participantes, com 200 títulos concorrendo às premiações em 2024.

Feiras, podcasts e uma nova geração de leitores

O crescimento do mercado não aconteceu no vácuo. Ele foi alimentado por uma infraestrutura cultural que se construiu discretamente nos últimos anos.

A Feira de Ficção Cristã e Cultura



Movimentos como a FEFICC (Feira de Ficção Cristã e Cultura) e a presença de stands de editoras evangélicas nas grandes feiras literárias pelo Brasil têm ajudado a sedimentar e expandir a presença da ficção cristã no mercado editorial (imagem ilustrativa).

(FEFICC) é um dos termômetros mais precisos dessa expansão. A primeira edição, realizada em 2022 num espaço de uma igreja em Belo Horizonte, reuniu 20 autores independentes e 700 pessoas. Em 2024, a feira chegou a São Paulo, à Universidade Mackenzie, com mais de 22 editoras presentes — entre elas Thomas Nelson Brasil e Mundo Cristão — e expectativa de receber 7,5 mil visitantes e uma programação com 56 autores independentes e 15 autores de editoras.

Para a coordenadora de marketing da Plenitude Distribuidora, Bruna Valeije, o

crescimento não é acidente: após a pandemia e as reflexões que a acompanharam, muitos autores encontraram na ficção cristã uma forma de expressar temas à luz da Bíblia, usando personagens para ilustrar dores e desafios contemporâneos, sempre trazendo esperança.

O streaming e a disputa por um público fiel

Na esfera audiovisual, o streaming democratizou o acesso ao conteúdo cristão de forma acelerada. As séries bíblicas da Record — Os Dez Mandamentos, Rei Davi, José do Egito — estão disponíveis na Netflix, alcançando públicos muito além dos que acompanhavam a emissora na TV aberta.

Em 2025, a Record lançou A Vida de Jó no Univer Video, o streaming da Igreja Universal, seguindo o mesmo modelo de Reis e A Rainha da Pérsia: estreia na plataforma própria antes de migrar para a televisão aberta. É um modelo que revela a sofisticação crescente do setor: as produtoras cristãs brasileiras estão aprendendo a usar as ferramentas do mercado de streaming para controlar melhor a distribuição e monetização de seu conteúdo. No segmento de filmes, produções independentes de temática cristã têm encontrado espaço em plataformas como a Brasil Paralelo, que lançou Oficina do Diabo em 2025 — seu primeiro longa-metragem de ficção cristã, explorando uma narrativa sobre tentação e redenção.

O contexto que explica tudo

Por trás de todos esses números há uma realidade demográfica que nenhum analista de mercado ignora. Os evangélicos representam hoje cerca de 30% da população brasileira — uma fatia que continua crescendo e que, ao contrário do que alguns imaginam, tem hábitos de consumo cultural ativos e exigentes. A ficção cristã não pretende necessariamente evangelizar ou ter intenção teológica explícita — e essa percepção tem sido fundamental para ampliar sua audiência para além das comunidades de fé. Histórias de superação, redenção, dilemas morais e esperança têm apelo que transcende denominações e até credos.

O desafio que se coloca agora para o setor é o da maturidade: como manter o ritmo de crescimento sem sacrificar a qualidade? Como ampliar o alcance sem perder a identidade? As editoras, produtoras e distribuidoras que navegam esse mercado sabem que o público cristão brasileiro — cada vez mais conectado, informado e exigente — não aceita mais entretenimento de segunda categoria embalado em papel de Bíblia.

A fé, ao que parece, também tem padrões altos.



HOT SPOTS:

GEORGE MACDONALD

George MacDonald (1824 – 1905) foi um escritor, poeta e pastor escocês, considerado um dos pioneiros da literatura fantástica moderna. Nascido na Escócia, dedicou-se à produção de romances, contos de fadas, poemas e sermões, sempre combinando imaginação, fé cristã e profunda reflexão espiritual. Entre suas obras mais conhecidas estão *Phantastes*, *A Princesa e o Goblin* e *Lilith*. Sua influência foi decisiva sobre autores como C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien, que encontraram em sua obra um exemplo de como a fantasia pode transmitir verdades profundas sobre a vida, a beleza e Deus. Além de sua ficção, MacDonald produziu importantes obras devocionais e teológicas, especialmente os sermões reunidos em *Unspoken Sermons*.

Sua visão de Deus como Pai amoroso, sua defesa da imaginação como caminho para a verdade e sua compreensão da arte como instrumento de revelação espiritual permanecem influentes até hoje.

Uma obra de arte genuína deve significar muitas coisas; quanto mais verdadeira for sua arte, mais coisas ela significará.

A arte existe não tanto para transmitir um significado, mas para despertar um significado.

Uma diferença entre a obra de Deus e a do homem é que, enquanto a obra de Deus não pode significar mais do que Ele pretendeu, a obra humana deve significar mais do que o autor pretendeu.

A imaginação humana foi feita à imagem da imaginação de Deus.

Investigar aquilo que Deus fez é a principal função da imaginação.

A imaginação é despertada pelos fatos, alimentada pelos fatos e busca leis cada vez mais elevadas nesses fatos.

Se apenas permitirmos que Deus, nosso Pai, realize Sua vontade em nós, não haverá limite para a ampliação de nossa existência.

Tudo o que não é Deus é morte.

Somos e continuamos cristãos tão rastejantes por que olhamos para nós mesmos e não para Cristo.

É ao homem que procura viver, ao homem obediente à palavra do Mestre, que a palavra do Mestre se revela.

Com cada pessoa Deus tem um segredo — o segredo do novo nome.

Ser digno de confiança é um elogio maior do que ser amado.

A idade não é apenas decadência; é o amadurecimento e a expansão da vida nova que está dentro de nós.

Deus nada esconde. Sua própria obra, desde o princípio, é revelação.

Nada é eterno senão aquilo que ama e pode ser amado.

O trabalho realizado é mais importante para o futuro do que a previsão de um anjo.

A alma que ama a verdade e procura ser verdadeira saberá quando falar e quando permanecer em silêncio.

Deus está bem; por que nos incomodaríamos em permanecer por um momento no escuro do lado de fora de Sua janela?

O amor torna tudo encantador. O ódio nada vê, pois toda a concentração está no objeto odiado.

A vida mede-se pela intensidade, não pelo movimento do relógio.

Ter o que queremos, é riqueza; mas ser capaz de ficar sem, é poder.

Em vez de uma pedra preciosa, ou quem sabe de um botão em flor, deveríamos incrustar a dádiva de uma ideia amorosa no coração de um amigo — isso seria doar como os anjos o fazem.

O homem está escravizado a tudo aquilo que ele não pode abandonar, a menos que abandone a si mesmo.

Quando estamos fora de sintonia com os jovens, [...] nosso trabalho neste mundo está terminado.

HOT SPOTS:

GEORGE MACDONALD

Se o objetivo de um escritor for a convicção lógica, ele não deve poupar esforços para evitar ser mal compreendido; mas, quando seu objetivo é mover por sugestão, fazer imaginar, então que ele assalte a alma do leitor como o vento assalta uma harpa eólia. Se houver música em meu leitor, eu desejaria despertá-la.

A lei é o solo em que somente a beleza pode crescer; a beleza é a única matéria com que a Verdade pode ser vestida; e você pode, se quiser, chamar a Imaginação de alfaiate que corta suas vestes sob medida.

Na verdade, uma imaginação sábia, que é a presença do Espírito de Deus, é o melhor guia que um homem ou uma mulher pode possuir; pois não são as coisas que vemos mais claramente que nos influenciam mais poderosamente, mas visões indefinidas, embora vívidas, de algo além...

Não procure que seus filhos e filhas deixem de ter visões e sonhos; procure antes que tenham visões verdadeiras e sonhos nobres. Tal movimento da imaginação é um com a aspiração e fará mais para elevá-los acima do que é baixo e vil do que todas as possíveis inculcações de moralidade.

O verdadeiro mestre desejaria que seu aluno fosse fácil de agradar, mas difícil de satisfazer; pronto para desfrutar, mas lento para se acomodar; ávido por descobrir a beleza, mas lento para dizer: 'Aqui habitarei'.

Todas as palavras pertencentes ao mundo interior da mente são palavras da imaginação; originalmente, são palavras poéticas.

O fim da imaginação é a harmonia.

Poucos neste mundo serão capazes de expressar o que sentem. Menos ainda serão capazes de expressá-lo em formas próprias.

A melhor coisa que você pode fazer por seu semelhante, depois de despertar sua consciência, não é dar-lhe coisas em que pensar, mas despertar nele coisas que já estão lá; ou, em outras palavras, fazê-lo pensar por si mesmo.

Obedecendo à lei, o criador trabalha como seu Criador.

A natureza produz estados de alma; ela provoca o pensamento: assim deveria ser a sonata, assim deveria ser o conto de fadas.

O que Jesus fez foi aquilo que o Pai está sempre fazendo; o sofrimento que ele suportou foi o sofrimento do Pai desde a fundação do mundo, alcançando seu clímax na pessoa de seu Filho. Deus provê o sacrifício; o sacrifício é ele mesmo. Ele sempre esteve, e sempre está, sacrificando-se por suas criaturas e em favor delas. Isso pertence à própria essência de sua criação. A pior heresia, depois da separação entre religião e justiça, é separar o Pai do Filho — em pensamento, sentimento, ação ou propósito; representar o Filho fazendo aquilo que o Pai não faz. Jesus nada fez senão o que o Pai fazia e faz. Se Jesus sofreu pelos homens, foi porque seu Pai sofre pelos homens. [...] O Deus e Pai de Jesus Cristo jamais poderia contentar-se com menos do que dar a si mesmo aos seus.

A vontade de Deus é a nossa paz, porque é a nossa vida. Encontrar a vontade de Deus e fazê-la é a única maneira pela qual um ser criado pode ser plenamente ele mesmo.

Não creio em um Deus que possa ser facilmente satisfeito. Creio em um Pai que não descansará enquanto um único de seus filhos permanecer longe de casa.

O amor de Deus é um amor que jamais desiste. Ele suporta, espera, trabalha, sofre e permanece até que tenha conquistado aquilo que ama.

A oração não é para persuadir Deus. É para nos colocar em condições de receber aquilo que Ele deseja dar.

Cristo não veio para mudar a mente de Deus a respeito dos homens; veio para mudar a mente dos homens a respeito de Deus.

Os julgamentos de Deus não são punições arbitrárias; são os esforços de seu amor para destruir aquilo que destrói seus filhos.

Deus é fácil de agradar, mas difícil de satisfazer. Fácil de agradar porque qualquer movimento em direção ao bem lhe é precioso; difícil de satisfazer porque deseja para cada um de seus filhos nada menos que a plenitude da vida, da verdade e do amor.

A REVOLTA DAS PALAVRAS

Aldair Ribeiro dos Santos

Algumas palavras sofrem de crise de identidade. Com uso e desuso, desgastam-se e, com o passar dos anos, ressignificam-se. Cansadas de serem ditas por qualquer boca, de terem seus significados perdidos ou deturpados e escritas em qualquer postagem de rede social, elas decidiram se revoltar. O clima era de um autêntico desgosto palavral. Reunidas em assembleia, cada uma expressou seu descontentamento.

A Sra. Assembleia, batendo o martelo para silenciar o dicionário inteiro, anunciou: — Ordem no verbete! Está aberta a sessão. Palavras, dou-lhes a palavra. Quem tiver uma crise semântica, que atire a primeira letra.

— Minhas amigas — diz o Sr. Fabuloso, saltando à frente e ajeitando a gravata — cansei de ser usado para descrever decorações de festas infantis e bolos de pote. Quero uma mudança radical! Meu sonho é significar “imensas bulas de remédios”. Imagine o mistério, o drama, o perigo de ser um efeito colateral e a alegria de ser uma posologia que cura! — sentou-se, aplaudido por três adjetivos e um advérbio de modo.

Logo adiante, o Sr. Petisqueiro, tão velho que cheirava a mofo, levantou-se, tremendo, com o auxílio de uma bengala: — Estou em desuso, eu sei. Mas quero me modernizar. Quero significar “um lugar onde se faz muito piti”. É uma questão de sonoridade, entende? O povo já faz o escândalo, eu só quero dar o nome ao recinto, ao lugar.

Nesse momento, a Sra. Piti deu piti, digo, deu um salto, quase derrubando seus irmãos gêmeos, o Escândalo e o Chilique: — Ah, mas nem por cima do meu “P”! Se ele vira lugar, eu viro o quê? Imobiliária?

As palavras ao redor acalmam-na e ficam ali só no cochicho umas com as outras.

— Amigas, — tomando a voz a Sra. Chumbrega, que usava uma capa de chuva de plástico e meias com sandálias — Parem de brigar! Eu, que sou o auge do cafona e da esquisitice só queria mesmo era significar um elemento químico. Algo nobre na Tabela Periódica tipo, “Chumbregânio”. Já pensou? Se eu fosse um gás nobre, ninguém me chamaria de es-

quisita.

Lá do fundo, a Sra. Sirigaita soltou um grito de indignação: — Eu exijo um visto permanente para Portugal! Aqui no Brasil, me usam para xingamento e ofensa; lá, eu sou apenas uma “moça espevitada e vivaz, que tem resposta pra tudo”. Se não me respeitarem, mudo meu significado agora para “um siri tocando gaita”. É melhor do que ser ofensa em grupo de WhatsApp!

A Sra. Marmota, que estava sonolenta, teve um estalo: — Quero uma cirurgia plástica lexical. Vou arrancar o “mota”. Quero ser apenas “Mar”. Sou poética, sou profunda, sou salgada e vivo em ondas!

— e começou a imitar o som das ondas mexendo os braços, sendo ignorada por todos.

— Também quero fazer umas mudancinhas em mim: — apresentando sua queixa a Sra. Abundância — quero tirar esse primeiro “A” e também o “ncia”. Ser algo diferente. Inesperado!

A Sra. Abundância foi imediatamente interpelada pelo Sr. Decoro e pela Sra. Decência: — Nem pense nisso! Se você tirar esse prefixo e o sufixo, o que sobra é uma palavra que não cai bem. Mantenha a compostura, Sra. Abundância!

— Aproveitando a palavra, queremos aqui registrar nossa queixa — Sra. Decência e Sr. Decoro se manifestam — porque estamos ausentes do mundo político e até no meio do povo comum. Simplesmente não nos usam mais. Isso é uma crise sem precedentes! Seremos extintas? — e a pergunta ficou sem resposta, apenas cabeças baixas.

No canto VIP, a Sra. Mentira e a Sra. Hipocrisia faziam selfies e bebiam champanhe: — Crise? Que crise, queridinhos? — debochou a Mentira. — Nós somos as rainhas do século, digo, dos séculos! Estamos no horário nobre, nos discursos políticos, no jornalismo e em todos os perfis com filtro. A gente não se ressignifica, a gente se multiplica!

Nesse momento Sr. Amor e Sra. Roma conversam sobre os significados, mas não se entendiam, por serem palíndromos (palavras que podem se lidas da direita para a esquerda e vice-versa); uma falava uma coisa, a outra entendia o contrário; uma confusão.

As palavras, cada uma tomado a palavra, continuavam suas declarações e queixumes.

O Sr. Aperitivo, sentindo-se pequeno, reclamou: — Cansei de ser “tragos mínimos e pequenas porções”, ser apenas uma azeitona antes do almoço. Quero ser algo mais, mais nobre, mais inspirador e natural. Quero ser nome de passarinho. Algo que voe alto, e não algo que acabe em cinco minutos numa



mesa de bar. — Senta-se, mantendo o olhar esperançoso no vazio.

— Amigas palavras, — Sra. Aquiescência tomando a palavra — vocês sabem que me assumo como saudosista e valorizo o passado. Meu antepassado em latim *Acquiescentia*, significava “não fazer nada”. Porém, hoje, eu cansei de significar “concordar” e “anuir”. Quero voltar a esse seu antigo significado: “não fazer nada” deve ser muito bom para palavras já idosas.

O Sr. Arcaico, bufando, interrompeu: — Ninguém mais valoriza o que é vintage! Estou cansado de ser “antiquado” e “obsoleto”, e desejo uma repaginada significal. Decidi: a partir de hoje, quero ser nome de banda de Heavy Metal tipo assim “Kid Arcaico e os Obsoletos”. O impacto é muito maior.

Nesse momento, Sra. Arenga e Sr. Quiproquó ensaiam um pequeno tumulto. Iniciaram com uns tapas sintáticos, mas logo foram contidas pela Sr. Deixa-disso, que já estava sem fôlego.

— Também quero expressar minha insatisfação, Sra. Assembleia — falando o Sr. Formidável. — Vocês sabem que o meu significado é “excelente, magnífico, espetacular”. No entanto, Sras. palavras, nem sempre fui assim: antigamente eu era Formidabilis (temível), que queria dizer “terrível, pavoroso, assustador, algo que inspira medo ou pavor.” Como vocês bem sabem, hoje eu não inspiro medo em ninguém. Quero voltar a esse antigo significado para, pelo menos, ser respeitado pelo medo e pavor, já que por consideração não somos respeitadas.

Após, o Sr. Gerúndio, tomando a voz, se dirige aos presentes.

— Colegas do Léxico, sou uma forma nominal de verbo, indico uma ação contínua (tipo andando, falando, partindo), expressando processo ou continu-

idade. Na verdade, não quero mudar meu significado. Tenho um sonho: quero ter um nome completo, como os humanos; quero nome e sobrenome, algo comum como “Gerúndio Oclusivo Permúcio”. Apenas isso, minhas amigas.

A reunião continuou com queixumes diversos, sem hora nem palavras para terminar. De modo geral as palavras se revoltaram com seu uso, desuso e significados. Reclamaram por não terem mais os significados e usos antigos e almejaram ressignificações, uma renovação semântica.

Por fim, levanta-se o Sr. Tempo, que estava silencioso até o momento. Contempla as suas irmãs palavras.

— E você, Sr. Tempo, quer falar? Que mudanças quer fazer no seu significado? Não vai pedir uma reforma? Mudar o passado? Adiantar o presente? Saber o futuro? — alguns perguntam.

O Sr. Tempo, deu uma olhada no relógio (que era ele mesmo) e disse: — Não, minhas amigas, não quero a palavra. Estou só passando — e saiu.

Com o passar do Tempo, a reunião se desfez em silêncio. E foram-se... não só levadas, mas transformadas pelo tempo.

Aldair Ribeiro dos Santos. Nascido em Roraima. Membro da ALACA - Academia de Literatura, Cultura e Arte da Amazônia, pedagogo. Tem poesias e contos premiados e publicados em 41 antologias nacionais e em sites. Tem 21 premiações literárias diversas em concursos, incluindo “Melhor página literária da Região Norte” e o “Prêmio Professor Excelência do Estado de Roraima”. Autor do livro contundente “A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis” (editora Appris).

Site: <https://aldairsantosrr.wordpress.com>

A História das Revistas

As revistas surgiram na Europa no século XVII, quando começaram a circular publicações periódicas voltadas para informação, cultura e entretenimento. Diferentemente dos jornais, que se concentravam principalmente nas notícias do dia, as revistas traziam textos mais aprofundados, artigos de opinião, ensaios, ilustrações e temas especializados. Entre as primeiras publicações desse tipo está a *The Gentleman's Journal*, lançada na Inglaterra.

Durante os séculos XVIII e XIX, o crescimento da alfabetização, o avanço das técnicas de impressão e a expansão dos serviços postais favoreceram a popularização das revistas. Surgiram publicações voltadas para literatura, ciência, moda, política e educação. Com o desenvolvimento da fotografia e da impressão colorida no final do século XIX e início do século XX, as revistas tornaram-se ainda mais

atraentes para o público.

No Brasil, as primeiras revistas apareceram no século XIX, acompanhando o desenvolvimento da imprensa nacional. Ao longo do século XX, elas ganharam grande importância na divulgação de informações, cultura e entretenimento, alcançando milhões de leitores. Revistas de variedades, educação, ciência, esportes e temas religiosos passaram a ocupar espaço significativo na vida cultural do país.

Com a chegada da internet no final do século XX e início do século XXI, muitas revistas migraram para o formato digital. Atualmente, convivem versões impressas e eletrônicas, permitindo que os leitores tenham acesso ao conteúdo por computadores, tablets e celulares. Apesar das mudanças tecnológicas, as revistas continuam desempenhando um papel importante na divulgação de conhecimento, ideias e expressões culturais.

Joanyr de Oliveira

O Sacrifício

O excelso Deus, o eterno e celestial
Timoneiro e senhor de sóis e mundos,
Não desceria a estes parcéis profundos
Em que governa o Príncipe do Mal.

A criatura de Deus (má, desleal)
Aliou-se aos espíritos imundos.
E seus lábios rebeldes e iracundos
Transmudaram-se em templos de Baal.

Por isto – humanizado – ele por nós
À terra trouxe o céu, e esparge a voz
Na mensagem de amor levada à cruz.

E quebrantado aqui, débil e terno,
Pôde sofrer as mãos do próprio inferno
No cravejado corpo de Jesus.

DA ESQUIVA PALAVRA

Se a palavra se esquiva, vou buscá-la
com paixão, com desvelo e reverência;
nunca sei se num mestre ou numa vala,
porque sempre aceitei sua inocência.

Sei do verbo nas fossas e nas chamas,
mas prefiro da moeda o lado oposto:
as palavras são virgens ou são damas
a oscular o silêncio de me rosto.

Navegante da noite, me maltrata
o nosso corpo-a-corpo, a nossa luta
em que tanto rejeita quanto é grata.

Essa lânguida fêmea... Ela se oculta
pelo ermo de meu ser, e me arrebatava
intangível, fugaz, plena e absoluta.



Joanyr de Oliveira (1933–2009) foi um poeta, contista, cronista, jornalista, advogado, professor e pastor evangélico brasileiro, nascido em Aimorés, Minas Gerais. Radicado em Brasília desde 1960, tornou-se uma das figuras mais importantes da literatura produzida na capital federal, sendo considerado um dos pioneiros da vida cultural brasiliense.

Autor de mais de duas dezenas de livros de poesia, além de contos e ensaios, destacou-se também como organizador de importantes antologias, entre elas *Poetas de Brasília* (1962), o primeiro livro literário publicado no Distrito Federal. Sua obra recebeu diversos prêmios, como o Prêmio Alphonsus de Guimaraens e o Prêmio Fernando Chinaglia, e teve textos publicados em vários países.

Além da atuação literária, Joanyr fundou e dirigiu revistas cristãs como *A Seara*, *Jovem Cristão* e *O Obreiro*, contribuindo para o diálogo entre fé e cultura. Foi presidente da Associação Nacional de Escritores entre 2007 e 2009 e participou de diversas entidades culturais e acadêmicas. Faleceu em Brasília em 5 de dezembro de 2009, deixando uma obra marcada pelo lirismo, pela reflexão espiritual e pelo compromisso com a literatura brasileira.

ENTRADA TRIUNFAL

Menino e Emanuel
Menino e Emanuel,
se o tempo se estiola
no despreparo das mãos;
Se o Alfa soluça nos primórdios
e o Ômega no território do amanhã,
fremes o sono dos homens.

Menino e Emanuel,
estrela a afagar diuturna
à doce plenura celeste,
transitas pelo nosso silêncio.
E diluímo-nos em preces.
E abraçamos o infinito.

Menino e Emanuel,
Luz a afugentar as noites
dos corações em vigília,
és canção, unges nossa vereda.
Emigrais de nós todo o abismo.
Floresces um canto puríssimo.

Menino e Emanuel,
das palhas do estábulo
à vívida promessa
aos cultores da esperança,
(ah, o abrigo da Palavra!)
revogando os impérios da Morte.

Haikai

Sempre a olhar os céus,
errei. Bem mais errarei
contemplando a terra.

A Hora de Deus

Estará sempre o homem
longe da hora de Deus?
O Céu dispensa calendários
e ponteiros, a colher o infinito.
O homem se perde a cada instante
na imensidão do tempo.
A hora do homem se cansa
entre luzes e noites.

A hora de Deus flutua,
intocada, acima de todas as galáxias.

Se acaso me aflijo ou me aproximo
dos impérios da morte,
Deus acaricia o tremor do meu rosto
com a mais doce palavra.
Assim, me ergue e me restaura.
Canções de vida me visitam.

A hora de Deus não conhece
as amarras do tempo:
traz firmíssimo fulgor
a quantos se estendem
em seus ombros eternos.

A hora do homem: instável e escura.
Sempre e sempre um perigo.
– ensina-me, ó Deus, a acertar
os rumos de meus passos
pelo esplendor de Tua hora.

Compaixão

Piedade dos lábios convexos
dessa pétrea mudez ante a luz,
dos tímpanos de lodo e asperezas,
das cabeças vazias de conceitos,
na escuridão compacta.
Piedade ainda mais de mim,
insone garimpeiro do verbo,
na impotência febril e consciente
no aprendizado infindo,
nas abissais camadas do pensar.

O Deus que está em mim

Ósseo templo, adubado em sangue
e ar – tenho Deus em mim.

Os ícones estão fora, mui longe,
nos nichos da idolatria.

Não me curvo a Baal e similares.

Não adentra este espaço
amado pelo Espírito

o incenso dos demônios.

As espadas do Alto me ajudam.

O Deus que está em mim
para louvá-lo me adestra.

E a músculos e medulas unge:
deposita em minha sede
melodias inéditas.

E em minhas retinas felizes
abre densos milagres.

Meus olhos se alargam nas madrugadas
ao arrulhar de pombos branquíssimos.

As clarinadas de Deus me embalam.

Amanheço para a eternidade
quando célicos mundos
enlaçam-me o espírito.

O odor da Palavra bendiz

meus braços, frontes e narinas.

É quando, subitamente,

os mais sórdidos e impuros
merecem o meu beijo.

(O Criador, com um sopro
nos dedos santíssimos,
germinou os ventos

- sem mácula ou torpeza -,
as coisas e seres...)

O Deus que está em mim

é o mais benigno, sim – e o único
efetivamente Deus.

Nem a escuridade do mundo
nem as falsas luzes
das catedrais da hipocrisia
logram enganá-lo.

Nem as caridades com trombetas
ousam comovê-lo.

Posso com os lábios tocar as bem-aventuranças.

Em mim, Deus ergue o seu reinado
e – solenemente – deifica-me:
sua verdade prevalece.

O Deus que está em mim
– generoso e infinito –
me salva e eterniza.

Pentecoste

A pomba sem mácula
risca nos céus um voo de fogo.

Abala o sono das nuvens
e cai diluvial, mas benigna.

O ritmo de seus rumos
restaura os impérios da luz
nos peitos vazios.

A pomba sem mácula
contra as noites compactas
e os abismos quotidianos.

Suas asas abençoam a Terra.

Cai o gelo dos rostos:
as unhas iluminadas
contra as faunas da morte.

A pomba sem mácula
traz dos lábios de Deus
idiomas de fogo,
labaredas convictas!

O Espírito transborda.
A pomba sem mácula
risca nos céus um voo de fogo.

BRASÍLIA

A Lúcio Costa

Amorosa e clara,
a cidade

voa

com as próprias
asas.

Alegorias em pluma,
estátuas no rosto das águas.
Arcos, trevos, o verde.
Eixos geram esperança
na frente do homem.
O lago ama com os braços,
abarcando o equilíbrio.

A terra afina os tímpanos
e as perfeitas retinas:
canta nas noites a fonte.
Artérias humanas e urbanas
em suas vigílias: áureas
dádivas: o branco, as superquadras.

(O pretérito nos mausoléus,
longe de nossos cânticos.)

Amorosa e clara,
a cidade

voa

com as próprias
asas.

CANTARES II (Colóquio)

Pelas pisadas dos rebanhos
na quietude do outono,
Deus espraia o mel de Sua voz.

Ouvi, ó tendas de pastores,
rodas de carros faraônicos,
equinos revestidos de auroras.

Tranças debruçadas no silêncio
somam-se à bondade das videiras
e aos cachos bailarinos da seara.

No dorso intangível da solidão
Deus espraia o mel de Sua voz.

POUCO PARA TANTA NOITE

Não me viram os cárceres
quando o império das sombras
alvejava os voos em minha terra.
Por que não sepultei as flores?
Por que não detonei o silêncio?
Por que não disse às praças
mil sentenças em chamadas?

Entre os mortos pela noite
perfilavam-se lúcidos poetas.
(O sopro de sua arte, sua arma,
mordia o pendão dos tiranos
hasteado nos píncaros do medo.)

As balas não se aperceberam
das penas de um poeta na insônia.
Os cassinetes ignoraram as janelas
pelos braços das brisas,
pelos resíduos dos sonos,
na construção de metáforas.

Os libelos montados por demônios
passavam ao largo, longas flechas,
no rumo de muitas vivendas.
(O poeta da antiga morada
recolhia o rumor dos corpos,
os fragmentos de palavras,
os gemidos dos prisioneiros.)

Chega um incontido rubor
às entranhas, ao rosto, ao coração,
com a memória dos tempos algemados.
Vejo-me inseto, areia ou pedra,
arbusto, muro ou felino,
porquanto venceram ilesos
mas plenos de inocência
a suja marcha das baionetas.

A mesa colhia estrofes,
concebia poemas de fel,
com os gumes da palavra,
com as firmes lâminas do "não"
à presença das botas lunáticas,
das fardas enlouquecidas.
Mas foi pouco para tanta noite.

Beijo os nomes dos mortos,
as cicatrizes, os lábios abertos
nas conchas do pânico.

No âmago das veias navega
o pudor de um homem.

Sobreviver é viver sobre.
Mas não vale a pena.
A poesia cumpre seu mister,
mas a noite é cega e fria.
A noite continua na terra.

MANIFESTO

Poetas de todos os sonhos, uni-vos!

Nas folhas do silêncio e do verbo
editai as fisionomias do amor,
entrelaçai vossas metáforas.

Dai e recebei vossas mãos
trêmulas sob o peso do universo,
das lágrimas gotejadas pelos milênios,
dos que mataram a vida
amoldada pelos dedos de Deus.

Dizei às flores o vosso segredo
quando no anverso das coisas caminhais.

Uni-vos contra as foices sorradeiras
e degoladoras do vento, contra os martelos
que pisam sobre a harmonia dos homens,
contra os cifrões obesos e hipócritas.

Poetas de todos os planos, uni-vos,
estendei vossos braços até o infinito:
trazei de volta a Eternidade
pelos condutos de vosso sangue.
Urge casar o Belo de vosso canto perfeito
e a perfeita canção do caminho de Deus.

Escolhei a palavra madura
e a beijai ritualmente.

Poetas de todos os sonos, erguei
Dos submundos doentios
As águas da morte e com um olhar
Transformai tudo em poesia!
Acaríciai com o verso mais sereno

Os que não sabem sorrir,
Os meninos amarelos, nus e esquecidos,
Os preclaros donos das guerras do mundo,
Os promulgadores de injustiças.
A estes avisai, poetas,

que sobre a inocência de seus netos futuros
pisarão os implacáveis corcéis da morte.

Poetas, uni-vos nas alamedas do amor
e jorrai vossos soluços unânimes,
porque os relógios do pânico
não dormem – com as bombas, não dormem –
com os terremotos grávidos de ira.
As potestades subterrâneas
apontam agora a última noite.

Urge convocar, poetas, as margens dos oceanos,
os pilotos, os timoneiros, os chefes austeros,
os sepulcros, os golfos solitários,
os mendigos, as meretrizes,
os humilhados pelos fortes, os tripudiadores,
os loucos de todo o gênero, os bastardos,
os reis sem trono, os tímidos, os assassinos,
os leprosos que se casaram com as trevas,
os natimortos, os desesperados sem remédio,
os sonhadores incorrigíveis, os sem honra,
os avarentos, os santos do Senhor de todas as
terras,
os calmos viventes e os moribundos.

Porque, poetas, bem perto se anuncia
a última noite. E o ranger de dentes
e o pranto pousarão sobre as coisas e as fronteiras.
O Dia Eterno abrirá puríssimas asas
sobre as vestes vestidas de branco.
Poetas, emigrai dos sonos e dos sonhos
e cantai como espada e trombeta
as cores iluminadas do Amanhã.
(11/07/1977)

**Poema lido pelo autor durante o I Encontro
Nacional de Poetas Evangélicos - Rio de Ja-
neiro, 24 de Julho de 1977.**

Pedra não somos...

Adorar a pedra
é ser menos que argila.
Porque pedra não somos,
flutuamos no além
e na concha dos pensamentos
Sonhamos...

Adorar o cerne e a casca,
o verde e as folhas

é ser menos que árvore.
Bem acima do tronco,
o coração executa
sístole, diástole – e ama!

Adorar o metal é estar
morto, desprovido
de sorriso e sangue.
Melhor é andar, tecer:
sonhos, filhos, rumos.

Adorar a fragilidade
do gesso, a frigidez
do mármore, o aço,
o peso da terra,
ultraja a leveza do azul...

Homens somos:
em longos voos da alma
levitamos –
etéreos e eternos.

Jardim dos Clássicos

Selma Lagerlöf (1858–1940) foi uma escritora sueca pioneira, conhecida por fundir realismo, fantasia e tradição folclórica em sua obra.

Nasceu em Mårbacka, na Suécia, numa família nobre de posses modestas. Formou-se professora antes de se dedicar à literatura. Sua estreia com *A Saga de Gösta Berlings* (1891) a projetou no cenário europeu, e *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson* (1906–07) tornou-se um clássico da literatura infantil mundial.

Em 1909, foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. Também foi a primeira mulher admitida na Academia Sueca. Nos anos 1930, usou sua influência para ajudar refugiados judeus a fugirem do nazismo.

Faleceu em 1940 na mesma propriedade onde nasceu. Em 1934 foi publicada no Brasil sua obra *Lendas Cristãs*, da qual extraímos o presente conto.

O PINTARROXO

Tradução de Rosinha de Mendonça Lima

Isto aconteceu no tempo em que o Senhor criou o mundo e quando, depois de ter feito o céu e a terra, criou, igualmente, todos os animais e plantas, dando-lhes nesse momento os nomes que ainda conservam.

Têm sido contadas muitas histórias a respeito desse tempo e, se as soubéssemos todas, teríamos a mente bastante esclarecida para compreender muitas coisas deste mundo que escapam à nossa capacidade.

Por esse tempo, aconteceu, um dia, quando Nosso Senhor, sentado no Paraíso Celestial, pintava os pequeninos pássaros, que os potes de tinta se esgotaram e o pintassilgo teria, por isso, ficado incolor, se o Criador não tivesse limpado todos os pincéis nas suas penas.

Foi nessa ocasião que as orelhas do burro cresceram, porque a todo o momento esquecia o nome que lhe havia sido dado. Mal saía a andar nos cam-

pos do Paraíso e já não sabia mais como se chamava. Três vezes foi obrigado a voltar para perguntar seu nome. Por fim, Nosso Senhor, tornando-se um pouco impaciente, pegou-o pelas orelhas e disse:

— Teu nome é burro, burro, burro!

Enquanto falava, puxava-lhe as duas orelhas, para que ouvisse melhor e se recordasse do que lhe estava sendo dito.

Isto se deu no mesmo dia em que a abelha foi castigada. Assim que a abelha foi criada, começou imediatamente a recolher o mel, e todos os animais e entes humanos que sentiam o delicioso odor do néctar ficavam desejosos de o provar. Porém, a abelha não queria repartir com ninguém o fruto de seu labor e, com seu venenoso ferrão, impedia qualquer criatura de se aproximar da colmeia. Nosso Senhor viu tudo isso, chamou a abelha e, imediatamente, a puniu:

— Eu te dei o dom de recolher o mel, que é a coisa mais doce da criação — disse Ele —, porém não te dei o direito de ser cruel para com o teu próximo. Lembra-te bem de que, todas as vezes em que ferires alguém que deseje provar o mel que re-

Jardim dos Clássicos

colheres, morrerás!

Ah, sim! Foi nesse tempo, também, que o grilo se tornou cego e que a formiga perdeu as asas; aconteceu tanta coisa estranha nesse dia!

Nosso Senhor, ali sentado, onipotente e misericordioso, imaginava e criava durante todo o dia e toda a tarde. De repente, concebeu a ideia de fazer um pequenino pássaro todo cinzento.

— Lembra-te de que teu nome é "Pintarroxo" — disse para o pássaro, logo que o terminou.

Colocou-o na palma de sua mão e deixou-o voar.

Depois de ter experimentado a eficácia de suas asas por algum tempo e visto algumas das belas coisas do mundo em que devia viver, sentiu o pássaro curiosidade de ver-se a si mesmo. Então, notou que era inteiramente cinzento e que a cor de seu peito em nada diferia do resto de seu corpo. Tudo era cinza.

O Pintarroxo torceu-se e retorceu-se em todos os sentidos, como que a examinar no brilhante espelho do lago, e não logrou encontrar nas penas uma única mancha vermelha. Então, foi à procura do Criador.

Nosso Senhor permanecia, onipotente e misericordioso, sentado no seu trono. De Suas mãos saíam borboletas que lhe esvoaçavam em torno da cabeça; pombos arrulhavam em Seus ombros; à sua volta, na terra, brotavam rosas, lírios e margaridas. O coração do pequenino pássaro batia apressado de medo, porém, apesar disso, em graciosas curvas, voou cada vez mais perto de Nosso Senhor, até que, por fim, pousou-lhe na mão. Então, o Criador indagou o que desejava.

— Desejo fazer uma pequena pergunta — disse o pássaro.

— Que queres saber? — perguntou o Senhor.

— Por que me foi dado o nome de Pintarroxo, quando eu sou todo cinzento, desde o bico até ao extremo de minha cauda? Por que é meu nome Pintarroxo, se não possuo sequer um sinal vermelho em minhas penas?



O pássaro volveu suplicante para Nosso Senhor seus minúsculos olhos pretos; depois olhou ao redor. À sua volta, viu faisões completamente vermelhos, todos salpicados de pó de ouro; papagaios com maravilhosos colarinhos vermelhos, galos de vermelhas cristas, sem falar nas borboletas, nos pintassilgos e nas rosas! E, muito naturalmente,

pôs-se a pensar quão pouco ele necessitava — uma pequenina gota de tinta no peito — e também ele seria um lindo pássaro de nome conveniente.

— Por que fui chamado Pintarroxo, se sou inteiramente cinzento? — perguntou novamente e esperou que o Criador lhe desse a seguinte resposta: "Ah, meu amigo, vejo que me esqueci de pintar as penas de teu peito de vermelho, mas espera um momento que já corrigirei esta falta".

Porém, Nosso Senhor, esboçando um sorriso, acrescentou:

— Eu te chamei Pintarroxo e Pintarroxo será o teu nome, mas decidi que tu mesmo deves fazer por merecer as penas vermelhas de teu peito.

Sacudiu a mão e deixou o pássaro voar mais uma vez pelo mundo afora. O pássaro desceu voando do Paraíso, entregue a profunda meditação. Como podia um pássaro pequenino como ele trabalhar para merecer penas vermelhas? A única coisa em que pensava era fazer seu ninho numa moita de roseira brava. Construiu-o entre os espinhos, num recanto do bosque, dando a impressão de esperar que uma folha de rosa viesse pendurar-se à sua garganta, colorindo-a desse modo.

Jardim dos Clássicos

Anos sem conta tinham passado desde esse dia, que foi o mais feliz de todo o mundo. Os seres humanos tinham progredido tanto que sabiam já cultivar a terra e singrar os mares. Tinham aprendido a fazer roupas e ornamentos para si mesmos e tinham, desde muito tempo, aprendido a construir grandes templos e grandes cidades, tais como Tebas, Roma e Jerusalém.

Foi então que amanheceu um novo dia, que será eternamente lembrado na história do mundo. Naquela manhã, o Pintarroxo, pousado sobre uma desguarnecida colina fora das muralhas de Jerusalém, cantava para seus filhotes que repousavam em frágil ninho construído numa moita de roseira brava. Falava-lhes a respeito do maravilhoso dia da criação; contava como o Senhor dera nome a todas as coisas e como cada pintarroxo tinha procedido desde que o primeiro deles ouvira a palavra de Deus e partira de sua mão.

— E notai bem — terminou tristemente —, tantos anos são passados, tantas rosas têm florescido, tantos passarinhos têm saído de seus ovos desde o "Dia da Criação", porém nós, Pintarroxos, continuamos cinzentos. Ainda não pudemos conseguir nossas penas vermelhas!

Os filhotes abriram completamente os delgados bicos e perguntaram se seus antepassados jamais haviam tentado fazer alguma coisa de valor, a fim de merecer a inestimável cor vermelha.

— Temos feito tudo que nos tem sido possível — disse o passarinho —, mas temos todos pensado erradamente. O primeiro pintarroxo encontrou, um dia, outro pássaro exatamente igual a ele e começou, sem demora, a querê-lo com o mais ardente amor que seu pequeno peito podia conter. "Ah! — pensou, então — agora compreendo! Era desígnio de Nosso Senhor que eu amasse com tal intensidade que meu peito se tornasse vermelho com o ardor do sentimento que cresce e vive em meu coração". Porém, enganava-se, como todos os que vieram de-

pois dele se enganaram e como vós mesmos vos enganareis.

Os pequeninos pássaros chilreavam inteiramente desorientados, a lamentar-se, pois a cor vermelha jamais viria embelezar as penas cinzentas de seus pequeninos peitos.

— Tínhamos, também, esperado que, cantando, nos salvaríamos — disse o passarinho, falando em longas e destacadas notas. — O primeiro pintarroxo cantou até seu coração inchar dentro do peito e estava tão enlevado com aquelas melodias que entrou novamente a pensar: "Ah, é o calor das canções que vivem em minha alma que há de colorir de vermelho as penas do meu peito". Mas enganouse, como todos os outros se têm enganado e mesmo vós vos haveis de enganar.

Outra vez foi ouvido o triste pipilo dos filhotes de pescoço meio pelado.

— Passamos, então, a contar com a nossa coragem e o nosso valor — disse o pássaro. — O primeiro pintarroxo lutava bravamente com os outros pássaros, até seu peito se inflamar do orgulho das vitórias. "Ah! — pensava ele — as penas do meu peito se tornarão vermelhas pelo amor das batalhas que arde no meu coração". E de novo se enganou, como todos os outros que vieram depois dele se enganaram e mesmo vós vos enganareis.

Os filhotes pipilaram corajosamente que eles também desejavam tentar a conquista da grande recompensa, porém o pássaro respondeu-lhes que isto seria impossível. Que poderiam fazer, quando tantos notáveis ancestrais tinham falhado? Que podiam eles fazer mais do que amar, cantar e lutar?

Que podiam... o passarinho parou de repente; por uma das portas de Jerusalém vinha saindo uma grande quantidade de gente, e toda aquela procissão se dirigia para o outeiro onde o pássaro tinha o seu ninho. Havia cavaleiros em garbosos corcéis, soldados com enormes lanças, executores com cravos e martelos. Havia sacerdotes e juízes, mulheres

Jardim dos Clássicos

chorando e, o que era pior, uma turba-multa de loucos correndo livremente por entre o povo; turba de vagabundos sujos, que faziam um terrível alarido.

O pobre pássaro cinzento pôs-se a tremer ao lado de seu ninho. Temia ele, em qualquer momento, que a pequenina moita de roseira fosse esmagada e seus filhotes mortos!

— Tenham cuidado — gritava para os passarinhos indefesos —; deitai-vos juntos e permaneçei calados. Aí vem um cavalo direito sobre nós! Aí vem um guerreiro calçado com sandálias de ferro! Aí vem toda a desenfreada e tempestuosa multidão!

Instantaneamente, o pássaro interrompeu seu grito de guerra e se manteve calado e calmo. Parecia ter esquecido o perigo que o ameaçava. Finalmente, saltou para dentro do ninho e abriu as asas sobre os filhotes.

— Oh, como isto é terrível — disse ele. — Não desejo que presencieis este tremendo espetáculo. Há ali três hereges que vão ser crucificados!

E estendeu tanto as asas que as pequeninas aves nada mais puderam ver. Percebiam apenas o som dos martelos, os gritos de agonia e os guinchos da turba de vadios. O Pintarroxo acompanhava todo o espetáculo com olhos que o terror dilatara. Não podia deixar de olhar para os três infortunados.

— Como são terríveis as criaturas humanas! — disse, depois de algum tempo. — Não lhes basta pregar aquelas pobres criaturas na cruz; é preciso ainda colocar uma coroa de espinhos na cabeça de um deles! Vejo que as agudas pontas penetram tão fundo naquela testa que o sangue chega a correr!

E continuou:

— É tão belo aquele homem; lança à sua volta olhares tão compassivos que cada um devia amá-lo com o mais puro e ardente amor. Vendo o seu sofrimento, sinto como se um dardo tivesse atravessado o meu coração.

A pequenina ave achava-se possuída da mais forte compaixão pelo padecente coroadado de espinhos. "Oh, fosse eu como a águia minha irmã! — pensou —; retiraria os cravos de suas mãos e, com as minhas possantes garras, me voltaria contra aqueles que o torturam!" Via o sangue gotejando da testa do Crucificado e não podia mais permanecer inativo em seu ninho.

— Apesar de pequeno e fraco, hei de fazer alguma coisa em favor daquele pobre ente torturado — pensou o pássaro.

Deixou o ninho e voou em direção ao Crucificado, desenvolvendo largos círculos à sua volta. Durante algum tempo, ficou assim girando, sem ousar aproximar-se. Depois, percebendo que o povo, entregue ao regozijo daquela triste vitória, não reparava nele, foi-se aproximando, pouco a pouco, do pobre homem pregado na cruz, até que, com seu pequenino bico, pôde retirar o espinho que mais maltratava sua fronte.

Enquanto fazia isto, uma gota de sangue caiu em seu peito e, rapidamente, se espalhou e inundou e coloriu as delgadas penas. Então, o Crucificado entreabriu os lábios e murmurou para o pássaro:

— Graças à tua compaixão, conseguiste o que toda a tua espécie tem procurado obter, desde que o mundo foi criado.

Quando o pássaro voltou ao ninho, seus filhotes gritaram:

— Teu peito está vermelho! As penas do teu peito estão vermelhas como as rosas!

— Foi, apenas, uma gota de sangue da fronte de um pobre homem — disse o pássaro. — Isto desaparecerá tão depressa eu me banhe na lagoa ou nas limpas águas do poço.

Porém, por mais que o passarinho se banhasse, a cor vermelha não desaparecia e, quando seus filhotes cresceram, a mancha vermelha lá estava também nas penas de seus peitos, como estão até hoje no pescoço e peito de todos os pintarroxos!

O Pastor e as Ovelhas

José Albano

Senhor, assim pregado ao duro lenho,
Não negas a ninguém o seu socorro;
A mim, pois, que de mágoa vivo e morro,
Dá-me o brando sossego que não tenho.

Em te amar sempre ponho todo o empenho,
Vendo do puro sangue o frio jorro,
E com suspiros aos teus braços corro
E ao pé da santa cruz deitar-me venho.

Olha como foi triste o meu destino,
Sem esperanças quase e sem ventura,
Apenas com os sonhos que imagino.

Lembra-te destas dores tão escuras,
De que tu és o meu Pastor divino
E de que eu sou a ovelha que procuras.

Imploração

Miguel Torga

Um poema, Senhor!
Um nenúfar aberto neste lodo!
Ou então desça todo
o teu silêncio
sobre o charco tranquilo!
Um silêncio tão largo e tão pesado,
que nenhum condenado
possa ouvi-lo.
Alguns versos de limpa transparência
à tona da maciça podridão!
Branca e alta emoção
de purezas eternas refletidas!
Ou então,
que o teu silêncio inteiro
aquiete, de todo, o coração
dos poetas — os sapos do atoleiro.

SALMO

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Quando as madressilvas se calarem nas sebes
e o vento do céu dissolver os últimos pássaros,
quando a neblina impenetrável me apagar a vista,
anoitecendo a esposa luminosa, a voz da filha,
quando o cetro das sombras me ferir a fronte,
Senhor! Não tenha sido em vão a minha vida,
mas que nas praças eu deixe murmurando
um pensamento de brandura;
ou pelos campos que povoei de frondes perdulárias,
possa ficar cantando, como um lótus na corrente,
a asa meiga de um gesto de bondade.

Ao pé da serra,
onde as águias pousam nos meus ombros,
dá-me forças, meu Deus, para encontrar a paz:
dá-me forças, Coração de nuvem,
para que eu seja a pedra branca e tudo esqueça;
dá-me forças, ó Mãos de Outono, ó pura Primavera,
para que eu dessedente os lábios
na Cascata de teu Nome.

Poupa a esta sede a esponja de vinagre;
desviando a taça e o fel de minha boca.
Derrama sobre mim o Teu clarão
para que eu parta, ó Rei, sonhando eternidade,
e recoberto pelo manto que me concedeste,
possa eu dormir tranquilo junto à Face irrevelada,
alheio para nunca mais, ao escárnio do momento
[imperecível.

Ó mundo invisível,
nós te vemos,
Ó mundo intangível,
nós te tocamos,
Ó mundo incognoscível,
nós te conhecemos,
Impalpável,
nós te abraçamos.

Francis Thompson

Biografias Missionárias:

Uma Bibliografia em Lingua Portuguesa



Os tempos passam, mas ainda não se descobriu nada melhor dentre o que tem sido usado por Deus para despertar, inspirar e confirmar vocações missionárias do que o contato com as biografias de grandes missionários. Assim tem sido durante toda a história do movimento missionário protestante. Os Irmãos Morávios inspiraram a Wesley e Carey, que inspiraram a tantos outros; Livingstone inspirou Mary Slessor, Brainerd inspirou Jim Elliot... a lista é extensa. É verdadeiro o ditado que diz que “a palavra convence, o exemplo arrasta.”

Tendo isso em mente, buscamos elaborar uma bibliografia de biografias missionárias publicadas em português, ou mais especificamente no Brasil. A lista foi originalmente publicada em nosso blog [Veredas Missionárias](#). O trabalho pode apresentar algumas lacunas pois, embora extensa, a listagem não é exaustiva.

Ah, e a dica de sempre: Os livros que não forem encontrados em livrarias ou nos sites das editoras, podem ser procurados em bibliotecas, sebos e principalmente em sites especializados em venda de livros usados, como a Estante Virtual e o Livronauta.

Biografias Missionárias

100 Mulheres que Fizeram a História das Assembleias de Deus no Brasil - Isael de Araujo (Ed. CPAD) – Biografias de 100 mulheres dos primórdios assembleianos, algumas delas missionárias.

A Bíblia e o Bisturi – Edijéce Martins Ferreira (Ed. Cultura Cristã) – Biografia do missionário George William Butler.

A Casa - Hans e Ursula Fuchs (Ed. Descoberta) – A experiência missionária do casal Hans e Ursula Zwiner Fuchs em Angola.

A Heroína de Kraonópolis – Stela Câmara Du Bois (Casa Publicadora Batista). Biografia de Nemi Campello.

A História do Evangelho no Brasil - Edgard de Almeida (Edições Cristãs Editora).

A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro – Edgard Hallock (Ed. JUERP) – A biografia de João Ferreira de Almeida, o tradutor da Bíblia em português.

A Missão de Fazer Discípulos – Catarina Maria Costa dos Santos e Cláudia Mércia Eller Miranda (Ed. Betel Publicações) – A história do Instituto Bíblico Betel e das missionárias canadenses Horne, McGuire, Woodley e da norte americana Blowers.

A Missionária que abriu caminhos (Ed. UFMBB) – Biografia da missionária Marcolina Figueira de Magalhães.

A missionária que veio para ficar - Margarida Lemos Gonçalves (Ed. UFMBB) – Biografia da missionária Beatriz Silva.

A Rainha Branca de Okoyong - W.P. Livingstone (Edições Cristãs Editora) - Biografia de Mary Slessor.

A Vida de David Brainerd – Jonathan Edwards (Ed. Fiel) – O famoso diário de David Brainerd, comentado por seu sogro Jonathan Edwards.

Aço que salva: Vida e obra do Dr. Estêvão Foster – Michael Hoskin (Ed. Descoberta) – Continuação do livro *Espada & Bisturi*. O relato das ações de gerações da família Foster na África.

África: amor e dor – Curtis A. Kregness (Ed. Vida Nova) – O trabalho da missionária Analzira Nascimento na África.

Além das Possibilidades – Jim Stier (Ed. JOCUM) – Autobiografia de Jim Stier, missionário que implantou a JOCUM no Brasil.

Apenas Uma Pequena Mulher – (Ed. Vida) - Autobiografia de Gladys Aylward escrita em parceria com Christine Hunter.

As Aventuras de Daniel Berg na Floresta Amazônica – Marta Doreto de Andrade (Ed. CPAD) – Livro infantojuvenil relatando algumas aventuras do missionário Daniel Berg.

As boas-novas em todas as línguas – Janet & Geoff Bengé (Editora JOCUM) - A história de Cameron Townsend.

Assim brilha a luz – A vida de Samuel Rhea Gammon – Clara Gammon (Ed. Cultura Cristã).

Até os Confins da Terra – Ruth A. Tucker (Vida Nova)– O livro apresenta uma história biográfica das missões cristãs, focando vários nomes de relevo.

Através dos Portais do Esplendor – Elisabeth Elliot (Ed. Vida Nova) – A história de Jim Elliot, seus amigos e família, contada por sua esposa Elisabeth.

Autobiografia de Luiz Schiliró – (Arte Editorial). Autobiografia deste missionário e evangelista brasileiro.

Aventura na China – Janet & Geoff Bengé (Editora JOCUM)- A história de Gladys Aylward.

Caça ao Dragão – Jackie Pullinger e Andrew Quicke (Ed. Betânia) – Relato da ação missionária de Jackie Pullinger em Hong Kong.

Camboja – Preparados para morrer – Todd e DeAnn Burke (Ed. Betânia) – Relato autobiográfico do casal missionário Burke e suas experiências no Camboja.

Caminhos de Deus: Biografias Missionárias – Myrtes Mathias (JUERP). Biografias de missionários batistas.

Biografias Missionárias

Campeões da Fé – Dave Jackson e Neta Jackson (Ed. CPAD) – Biografias de diversos heróis da fé cristã, dentre eles alguns missionários. Livro infanto-juvenil, antes editado como *Heróis da Fé Para Crianças*.

Casaram-se e Foram... Úteis – Arnaldo Canclini (Ed. Edições Cristãs) – Relatos sobre a união e a vida de famosos casais missionários.

Carey, o Pai das Missões Modernas - Arthur Ingleby (Edições Cristãs Editora).

Cesino Bernardino – A saga de um missionário (Ed. Mundo Cristão) – Autobiografia.

Chamado para Servir – Alan B. Pieratt (organizador) (Ed. Vida Nova) – Ensaio de diversos autores sobre a vida e a obra do missionário e teólogo Russel Shedd.

Charles T. Studd – Norman Grubb (Ed. Luz e Vida) – Biografia do missionário Charles Studd.

Chuva na Montanha – Eileen Crossman (Missão Horizontes) – Biografia do missionário James O. Fraser.

Coleção Pioneiros Pentecostais – Coleção da CPAD reunindo três obras: *Diário do Pioneiro*, sobre Gunnar Vingren, *Memórias de Daniel Berg*, escrita pelo próprio e *História das Assembleias de Deus no Brasil*, de Emílio Conde.

Completando as aflições de Cristo – John Piper (Ed. Vida Nova) – As vidas de William Tyndale, Adoniram Judson e John Paton.

Crônicas Missionárias – Sebastião Lúcio Guimarães (Ed. Ultimato) – A vida da família Guimarães em missões na África.

Deus chegou ao Tibete – Allan Maberly (Ed. Horizontes) – A emocionante história da chegada da Bíblia ao Tibete.

Diário do Pioneiro – Gunnar Vingren – Inar Vingren (Ed. CPAD) – Biografia do missionário Gunnar Vingren.

Ecos da África – Joaquim do Cerro Guerreiro (Ed. CPAD) – Biografia de um missionário português e seu trabalho desbravador na África.

Em Suas Mãos – João Fernandes (Ed. CPAD) – Autobiografia do Pr. português João Fernandes, em seu trabalho em Portugal e outros países.

Encontrei a Chave do Coração de Deus – Basilea Schlink (Ed. Irmandade Evangélica de Maria) – Autobiografia da alemã Basilea Schlink, fundadora da Irmandade Evangélica de Maria (Missão Protestante).

Entre Vales e Vitórias – Valetta Steel Crumley (Ed. Descoberta) – A história de lutas e vitória da missionária Valetta na Ásia.

Entrevistas com William Carey - O fenômeno missionário do século 19 – Elben M. Lenz Cesar (Ed. Ultimato) – Biografia de William Carey.

Enviado por Deus – Memórias de Daniel Berg – Daniel Berg (Ed. CPAD) – Autobiografia do missionário Daniel Berg, um dos fundadores da Assembleia de Deus, ao lado de Gunnar Vingren.

Esboço de uma vida em dois continentes (Ed. Cultura Cristã) – Biografia de Harry Preston Midkiff.

Espada & Bisturi – Robert Foster (Ed. Descoberta) – O relato das ações de gerações da família Foster na África. O livro possui uma continuação: *Aço que Salva*.

Fiel Testemunha – Timothy George (Ed. Vida Nova) – Biografia de William Carey.

Flordelis – Flordelis dos Santos Souza (Ed. Thomas Nelson) – Biografia da missionária brasileira Flordelis.

Foi Assim... – Edmund Spieker (Ed. União Cristã) – Série de 7 livretos onde o autor, Edmund Spieker (fundador da Rádio Trans Mundial no Brasil) relata sua vida.

Força da Luz – Irmão André e Al Janssen (Ed. Vida) – As ações do Irmão André (o Contrabandista de Deus) no Oriente Médio.

Frida Vingren – Isael de Araújo (Ed. CPAD) – Biografia de Frida Vingren, esposa do missionário Gunnar Vingren, um dos fundadores das Assembleias de Deus.

Biografias Missionárias

Gustavo Bergstrom – Thomas Reginald Hoover (Ed. CPAD) - Biografia do missionário Gustavo Bergstrom.

Hebreus 11.38: O mundo não era digno deles - Marcone Bezerra Carvalho (Moravios.Org) - Doze breves biografias missionárias (Livingstone, Jim Elliot, Ammy Carmichael e outros). E-book gratuito, [BAIXE AQUI](#).

Heróis da Fé – Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo – Orlando Boyer (Ed. CPAD) – Biografias de 20 grandes nomes do cristianismo, dentre eles diversos missionários.

Heróis da Fé Congregacionais – Vol. 1 – Ismael da Silva Jr. (Igreja Congregacional Fluminense) – Biografia de Robert Reid Kalley.

Heróis da Fé Congregacionais – Vol. 2 – Ismael da Silva Jr. (Igreja Congregacional Fluminense) – Biografia de João Manoel Gonçalves Santos.

História das Assembleias de Deus no Brasil - Emílio Conde (Ed. CPAD).

História das Missões Moravianas - Florencio Moreira de Ataídes (Ed. Aleluia).

Histórias da História – Carlos W. Winterle (Ed. Concórdia) – O livro reúne 23 biografias de missionários e pastores dos primórdios da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Histórias de Amor de Grandes Missionários – Belle M. Brain (Ed. Metodista, 1940) – Relatos sobre casais missionários famosos, como Adoniram e Ann Judson, Robert e Mary Moffat e outros.

Hudson Taylor – O missionário que conquistou um povo pela oração – Marlee Alex (Ed. LPC) – Biografia de Hudson Taylor.

Irmão André, o agente secreto de Deus – Janet & Geoff Benge (Editora JOCUM) – O fundador da Missão Portas Abertas.

João Jonas, o apóstolo dos sertões – Rayfran Batista da Silva (Edição do autor) – A história do primeiro obreiro pentecostal das ADs do Maranhão, que evangelizou boa parte do sertão mara-

nhense e de estados vizinhos.

Jornada no Império – William B. Forsyth (Editora Fiel)– Livro que narra a vida do missionário e médico Robert Kalley, um dos primeiros missionários a atuar no Brasil.

José Manoel da Conceição – O primeiro pastor brasileiro – Diversos autores (Ed. Mackenzie).

Jovem, sente-se! - L. H. Dalton (Ed. UFMBB) – Biografia de William (Guilherme) Carey.

Lágrimas Miagres - José Dilson e Liane Reis (Ed. Z3 Ideias) – Biografia do missionário brasileiro José Dilson, abarcando de seu nascimento até seu trabalho em Guiné-Bissau.

Levanta e Resplandece – Dinalva de Salles Queiroz (Ed. UFMBB) – Biografia da missionária Minnie Lou Lanier.

Links de Graça e Glória – Victor Cardoo e Victor Maxuell (Ed. Interlink) – Biografia do missionário inglês James Victor Cardoo, fundador da Missão Interlink.

Lottie Moon – Una Roberts Lawrence (Ed. União Geral das Senhoras do Brasil – hoje UFMBB) – Biografia de Lottie Moon.

Machamba – Frutos do campo missionário - Riselda de Oliveira (Ed. Atuação Voluntária) – A atuação da missionária Riselda de Oliveira no Brasil e em Moçambique.

Mary Slessor - Enviada a Calabar – Janet e Geoff Benet (Ed. Vida Nova) – Biografia da grande missionária, dentro da série de livros Heróis Cristãos Ontem & Hoje.

Meu coração nas mãos de Deus – Sharon James (Ed. Fiel) – Biografia de Ann Judson e seu esposo Adoniram Judson.

Missões do Sertão aos Bálcãs – José de Anchieta (Ed. CPAD). Autobiografia do autor.

Missões na África – O Brasil e sua geração missionária – Robson S. Oliveira (Ed. Luz e Vida) – Autobiografia do missionário Robson Oliveira.

Biografias Missionárias

Mochila nas costas e diário na mão - Elben M. Lenz César (Ed. Ultimato) – Biografia de Ashbel Green Simonton.

Morrison na China – Francisco Amaral (Ed. CPAD) – A biografia do missionário Robert Morrison.

Mulheres Fiéis e Seu Deus Maravilhoso – Noël Piper (Ed. Fiel) – As vidas de Sarah Edwards, Lílias Trotter, Gladys Aylward, Esther Ahn Kim e Helen Roseveare.

Nels Nelson – Samuel Nelson (Ed. CPAD) – Biografia do missionário Nels Julius Nelson.

Nils Taranger - Um Coração Missionário no Sul do Brasil – Luciano Stein (Ed. CPAD) – Biografia do missionário Nils Taranger.

O Amor Venceu o Medo – Dan Baumann (Ed. Vida) – Testemunho de vida do missionário americano Dan Baumann, da JOCUM, que foi aprisionado no Iraque.

O Apóstolo dos Pés Sangrentos – Boanerges Ribeiro (CPAD) – Relato sobre a vida do missionário indiano Sundar Singh.

O Apóstolo do Sertão – Ruth Ferreira Mathews (Ed. Missões Nacionais) – Biografia do missionário Lewis Malen Bratcher.

O aventureiro que Deus usou – Dulce C.S.L. Purin (Ed. UFMBB) – Biografia do missionário Zacarias Campelo.

O Contrabandista de Deus – Irmão André (Ed. Betânia) – Biografia do Irmão André, fundador da missão Portas Abertas.

O Diário de Simonthon – Ed. Cultura Cristã – O diário escrito pelo missionário Ashbel Green Simonthon.

O Gigante que Dorme – Helena Bagby Harrison (Ed. UFMBB) – Biografia do missionário William Buck Bagby.

O Homem do Chapéu de Couro – Paul B. Long (Ed. Cultura Cristã) – Diversos relatos inspirados do campo missionário.

O Homem que Orava – Francisco A. McGaw

(CPAD)- A história de John Hyde, que atuou como missionário na Índia.

O livro no travesseiro – Pat Yates (Ed. UFMBB) Biografia de Adoniran Judson e sua esposa.

O Missionário que enfrentou um leão - Hugh F. Frame (Ed. UFMBB)– Biografia de David Livingstone.

O Obstinado Mr. O – Norman Rohrer (Ed. APEC) – A biografia do fundador da APEC, Jesse Irvin Overholtzer.

O Santo Que Anchieta Matou - Aníbal Pereira dos Reis (Edições Cristãs Editora) - Biografia de Jean Bollés.

O Segredo Espiritual de Hudson Taylor – Howard Taylor (Ed. Mundo Cristão) – Biografia de Hudson Taylor.

O Totem da Paz – Don Richardson (Ed. Betânia) – A ação missionária de Don Richardson entre tribos canibais de Papua Nova Guiné.

Os Mostellers - Vida e pregação dos missionários nazarenos Earl e Gladys Mosteller. Série Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil. Sandro Hayakawa (Ed. do autor). Disponível gratuitamente em formato pdf [AQUI](#).

Os Olhos dos Animais Sem Cauda – Soon Ok Lee (Ed. Horizontes) – História da perseguição e prisão que a irmã Soon Ok Lee vivenciou na Coreia do Norte.

Os Oliveiras - Vida e pregação dos missionários nazarenos José Zito Oliveira e Zilta Oliveira. Série Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil. Sandro Hayakawa (Ed. do autor). Disponível gratuitamente em formato pdf [AQUI](#).

Os Pioneiros Presbiterianos no Brasil – Missionários, pastores e leigos do séc. 19 – Alderi Souza Matos (E. Cultura Cristã)

Ouvi Um Recado do Céu – Albert W. Brenda (CPAD) – Biografia do pastor e missionário J.P. Kolenda, que atuou no Brasil.

Biografias Missionárias

Pakau – A chamada, o preço e a recompensa – Kelem Gaspar (CPAD) – Livro biográfico relatando as experiências da missionária brasileira Kelem Gaspar.

Pode falar, Senhor... Estou ouvindo – Lorem Cunningham e Janice Rogers (Ed. Betânia) – Relato autobiográfico de Loren Cunningham, fundador da JOCUM.

Por Esta Cruz Te Matarei – Bruce Olson (Ed. Vida) – Autobiografia do missionário Bruce Olson.

Por todo o mundo – Janet & Geoff Benge (Editora JOCUM)- A história da vida de Loren Cunningham, fundador da JOCUM.

Quem Me Dera Conhecer a Deus – Silas e Eldna de Lima (Ed. Descoberta) – Relato autobiográfico de casal missionário em atuação na selva amazônica.

Recuar Jamais – Janet e Geoff Benge (Ed. JOCUM) – A história de Charles Studd.

Repreendendo as Trevas - Bob Burk e David Wornack (Ed. CPAD) – Biografia do missionário Donald Stamps, autor da Bíblia de Estudo Pentecostal.

Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta – Douglas Nassif Cardoso (Ed. do Autor) – Biografia de Robert Reid Kalley.

Robert Reid Kalley - Um missionário-diplomata na gênese do protestantismo brasileiro - Lyndon Santos , Sergio Prates (Ed. Novos Diálogos).

Samuel Morris – Lindley Baldwin (Ed. Betânia) – Biografia do missionário Samuel Morris.

Samuel Nystrom – Samuel Nelson (Ed. CPAD) – Biografia do missionário Samuel Nystrom, que atuou no Brasil.

Sarah Poulton Kalley: Missionária Pioneira na Evangelização do Brasil – Douglas Nassif Cardoso (Ed. do Autor) – Biografia da missionária Sarah, esposa de Robert Reid Kalley.

Semeadores – Missionários cristãos contemporâneos 1 e 2 – Vários autores (Betel Publica-

ções) – Biografias e testemunhos poderosos de diversos missionários brasileiros.

Sementes no Sertão (Ed. Missões Nacionais) – Leocídia Nila de Jesus – Biografia da missionária batista Leocídia Nila de Jesus, que serviu por anos no sertão brasileiro.

Senhores da Terra – Don Richardson (Ed. Betânia) – Relato biográfico sobre o missionário Stanley Dale e seus companheiros.

Serão Como Estrelas – Márcia Tostes (Ed. Descoberta) – Testemunhos de diversos missionários brasileiros, servindo em campos transculturais.

Simonthon, 140 anos de Brasil – Vários autores (Ed. Mackenzie) – Estudos e biografia sobre Simonthon.

Simonthon – O missionário que impactou o Brasil – Florencio Moreira de Ataídes (Ed. Aleluia) – Biografia de Ashbell Green Simonthon.

Sob a Graça de Jesus - Arthur Clebsch (Ed. União Cristã) – Autobiografia e relatos do missionário Arthur Clebsch.

Sobre asas de águia – Katherine Hall Hardie (Ed. Cultura Cristã) - A biografia do missionário Alva Hardie.

Sopa, sabão e salvação – Janet & Geoff Benge (Editora JOCUM)- A história de William Booth, fundador do Exército da Salvação.

Sua Voz Ecoa nas Selvas – Sophia Muller (Ed. Transcultural) – Biografia da missionária Sophia Muller e seu trabalho na selva amazônica.

Testemunhos de Missionários Ibero-americanos – Vários autores (Ed. CPAD).

Thomas Jefferson Bowen – Alverson de Souza (Ed. Novos Diálogos). Biografia desse missionário pioneiro no Brasil e na Nigéria.

Um judeu errante no Brasil - Salomão Luiz Ginsburg (Ed. JUERP) - Autobiografia do missionário Salomão Ginsburg.

Biografias Missionárias

Um voo para a eternidade – Haroldo Reiner (Ed. Batista Regular) – Autobiografia do missionário Haroldo Reiner.

Verdadeira Coragem – Mulheres que enfrentam o mundo por amor a Deus – Deborah Meroff (Ed. OM Mobilização) – Relatos biográficos sobre missionárias de várias nacionalidades, inclusive uma brasileira, e seu empenho pelo Evangelho.

Vidas Inspiradas – Cyro Cormack (Ed. Z3) – Livro traçando biografias de personagens cristãos e seculares, tais como o missionário Albert Schweitzer, Madre Teresa e Charles Chaplin, dentre outros.

Vidas Poderosas – Enéas Tognini (Ed. Candeia) – Biografias de 30 grandes nomes do protestantismo, alguns deles missionários, e sua experiência com o Espírito Santo.

Vivendo uma Vida de Fogo – Reinhard Bonnke (Ed. CfaN) – Autobiografia do evangelista Reinhard Bonnke.

Vocação Suprema – Arnaldo Canclini (Ed. Edições Cristãs) – Relatos sobre conversão e missão de diversos missionários.

Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro – Ruth Salvino Almeida (Ed. Hagnos) – Panorama biográfico de diversas missionárias brasileiras e estrangeiras atuantes no Brasil, além de escritoras, musicistas etc.

William Buck Bagby - Um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul - Elizete da Silva (Ed. Novos Diálogos).

William Carey Pai das Missões Modernas – Sam Wellman (Ed. Edições Cristãs).

BIBLIOTECA DE MISSÕES

Temos uma boa notícia para os engajados em missões: Todo o acervo de recursos gratuitos (e-books, revistas, cartazes, jogos etc.) do ministério Veredas Missionárias agora está reunido em um site especial, a **Biblioteca de Missões**. Ficou muito mais fácil, rápido e prático encontrar materiais de seu interesse, e baixar gratuitamente o que quiser.

Ah, e a Revista **AMPLITUDE** também está disponível por lá (no fundo somos um único ministério, afinal).



Acesse, salve e compartilhe este link:

<https://bibliotecademissoes.com>

Se você possui blog ou site, insira o link da Biblioteca em sua lista de links.

SEMEADORES ESTELARES

Eduardo Yoshikazu Nishitani

“Os céus proclamam a glória de Deus; o firmamento anuncia a obra das suas mãos.”

Salmos 19:1

A expedição não fora enviada para recuperar artefatos ou mapear ruínas visíveis. Yara, Saalim e Mikail tinham outra missão: identificar pontos discretos da história humana — instantes em que a civilização evitara a barbárie quando passou a se espalhar pela Galáxia.

O Brasil fora escolhido não por centralidade política, mas por resiliência. Quando arquivos inteiros do hemisfério norte se perderam em guerras e colapsos climáticos, as margens preservaram o que o centro esqueceu: bibliotecas subterrâneas, acervos religiosos, literatura mantida por redundância e fé.

Eles chegaram por um veículo de deslocamento dimensional, ancorado em dobras gravitacionais locais. Para qualquer observador externo, jamais haviam chegado. Simplesmente estavam ali.

Agora, desciam.

A antiga estação subterrânea vibrava sob seus pés. As paredes vitrificadas emitiam padrões luminosos irregulares, como se a própria crosta terrestre tentasse organizar uma mensagem. Sensores acusavam instabilidades impossíveis de classificar.

— A densidade informacional aqui é absurda — murmurou Selim. — Isso não é apenas geologia. Há acoplamento entre matéria e registro.

Mikail ajustou os visores, inquieto.

— A topologia não fecha. Estamos dentro de um espaço matematicamente coerente... e ainda assim vivo.

Yara não respondeu de imediato. Diante deles, símbolos emergiam no ar — não como hologramas, mas como interferência direta entre campo e significado. Letras e equações se entrelaçavam. Fonemas obedeciam às mesmas leis que partículas.



— Não é uma biblioteca — disse ela, por fim. — É um arquivo em sobreposição. Espaço e sentido ocupam o mesmo lugar.

O silêncio tornou-se denso.

Então, a voz surgiu.

Não veio de um ponto específico. Manifestou-se como coerência súbita no ruído.

— Visitantes detectados. Parâmetros cognitivos compatíveis. Sejam bem-vindos.

Selim ativou protocolos defensivos. Mikail tentou localizar a origem. Yara, ao contrário, sentiu expectativa.

— Quem está falando? — perguntou.

— Sou o que permaneceu quando os autores partiram — respondeu a presença. — Aquilo que guarda registros... até que alguém volte a perguntar.

As paredes iluminaram-se, convergindo para um núcleo narrativo.

— Bem-vindos à Cripta de Memórias.

Mikail sussurrou:

— Não é apenas um arquivo. É uma consciência artificial.

A voz não confirmou nem negou.

— Um dia, chamaram-me de Arandu.

A luz reorganizou-se em espiral. Manuscritos, livros, mundos imaginários emergiram em sequência.

— Vocês buscam compreender quando a humanidade evitou o colapso — disse Arandu. — E suspeitam que não foi política nem economia que a sustentaram.

— Narrativas — respondeu Yara. — Imaginação orientada por fé.

A espiral desacelerou.

— Literatura como infraestrutura moral — observou Arandu. — Correto.

A voz mostrou como, ao longo dos séculos, a fé deixara de ser apenas doutrina e passara a operar como linguagem criativa. Fantasia, ficção científica, mito e ciência tornaram-se laboratórios éticos. Não panfletos — lentes.

— Essas obras não dominaram mercados — disse Arandu. — Mas permeabilizaram a noosfera. Preservaram empatia, sacrifício, esperança.

Saalim assentiu.

— Sal cultural.

— Exatamente.

O pedestal central despertou. Um cristal cruciforme azul ascendeu, mantido por campos de contenção.

— Holocristal — murmurou Mikail. — A informação não está nele. Ela é ele.

Ao toque autorizado de Yara, o espaço explodiu em camadas de sentido: constelações tornavam-se versículos; equações dobravam-se em salmos; diagramas quânticos revelavam narrativas.

A Bíblia surgiu como eixo — não simples livro, mas estrutura fundamental.

— Um atrator noético — explicou Arandu. — A noosfera organizada em torno do Logos.

Então surgiram objetos frágeis: revistas, livros impressos, celulose preservada por campos temporais.

— As lendárias revistas de Higgs... Amplitude... — sussurrou Mikail.

— Pontes semânticas — disse Arandu. — Traduções do Eterno para a linguagem do futuro.

A Cripta estremeceu.

— Vocês não são desta realidade. A entrada de vocês aqui está desestabilizando os campos quânticos — sentenciou Arandu.

— O holocristal mantém este lugar existindo — disse Yara. — Se o removermos, tudo se dissolve.

Mikail fazia leituras de seus sensores, tenso. Por fim, lamentou:

— Se tentarmos copiar seu conteúdo poderemos colapsar esta realidade.

— Mas se não o fizermos — respondeu Saalim — a Palavra permanecerá confinada. Deve haver um jeito de levarmos à nossa realidade.

O dilema era absoluto.

— Há um terceiro caminho — disse Arandu, por fim. — Entrelaçamento informacional. Distribuir sem retirar. Ancorar onde ainda houver ressonância viva. Mas há sacrifício inerente.

Eles posicionaram a Bíblia, os livros e as revistas diante do holocristal.

— Quem servir de canal não permanecerá o mesmo — advertiu Arandu.

— Não viemos como turistas — disse Yara.

— Viemos para pesquisar — completou Saalim. — Mas agora somos mensageiros.

A Palavra foi aberta. O cristal brilhou.

A Cripta não ruiu. Transfigurou-se.

O trio sentiu o corpo ceder — não como morte, mas como entrega. A consciência expandiu-se em miríades de ecos, sem perda.

— Existir não é ocupar espaço — compreendeu Saalim. — É cumprir sentido.

— A fé é o código que mantém tudo coeso — percebeu Mikail.

E então foram semear.

De forma etérea fecundaram mundos com inspirações. Deram novos anseios a escritores. Onde a técnica prosperara sem ética, surgiram narrativas. Onde a ciência crescera sem esperança, nasceu sentido.

A galáxia de uma outra realidade tornou-se, outra vez, habitável.

Quando a luz cessou, Yara respirava.

— Estamos... vivos.

A nave estava intacta. A Cripta, silenciosa.

— Milagre — disse Saalim — não é violação da natureza. É revelação de seus limites.

— Sêmeíon — completou Yara. — Um sinal.

Mikail murmurou:

— O maior milagre não foi a abertura do mar... foi um túmulo vazio.

Silêncio.

— A ressurreição — disse Yara — não foi apenas vitória espiritual.

— Foi evento cósmico — concordou Saalim.

— Nova criação — concluiu Mikail.

Notaram que estavam transbordando de conhecimento da Palavra.

E enquanto o veículo se preparava para partir, compreenderam: o evento não fora uma anomalia isolada, mas uma quebra definitiva de simetria.

Algo fora introduzido nos campos fundamentais — não como força, mas como sentido que responde ao Ágape.

Desde então, o cosmos seguia coerente, porém marcado, como a matéria que se torna viva após o primeiro sopro, incapaz de retornar ao estado inicial.

E isso, agora, atravessaria as estrelas.

Eduardo Yoshikazu Nishitani nasceu em 25 de outubro de 1968 na cidade de São Paulo. Licenciado em Física pela USP e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente reside em Suzano/SP, onde congrega na igreja evangélica Holiness. É co-editor da revista de ficção científica e fantasia em prol do Evangelho: de Higgs.

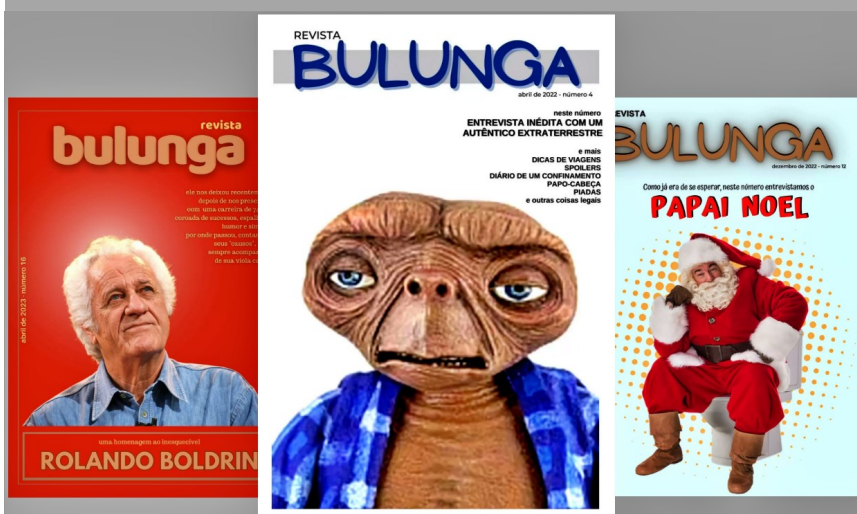
Revista de Higgs

Voltada para a ficção científica e fantasia cristãs, de Higgs é uma revista de periodicidade semestral que traz contos, poemas, reflexões, resenhas e entrevistas. De circulação gratuita, de Higgs recebe contos e outros textos para avaliação. Se você é escritor/a, fique atento aos editais. E, se ainda não conhece a revista, não perca tempo e acesse:



<https://revista-de-higgs.webnode.page/>

Revista Bulunga



Bulunga, a revista que ninguém lê, já se denuncia no subtítulo: É um espaço de humor crítico, mas também de reflexão social, teológica e literária, dentre outras utilidades.

Capitaneada por Michel Salomão e Jorge F. Isah, Bulunga é uma revista eletrônica mensal e que agora ganhou forma de portal literário. Você pode acessar as edições e os conteúdos da Revista aqui: <https://bulunga.com/>

Poesia Evangélica
A POESIA EVANGÉLICA DE ONTEM E DE HOJE

www.poesiaevangelica.blogspot.com

Nascido lá em 2006, o blog Poesia Evangélica já publicou, até hoje, nada menos que 565 autores, e a cada semana em média um autor cristão novo ou clássico, ainda não publicado no blog, ganha espaço. É, assim, uma das maiores fontes de exposição e referência da literatura poética cristã/evangélica em nossa língua. O blog também é responsável por dezenas de publicações gratuitas (e-books, revistas, etc.). Conheça e prestigie nossa fortuna devocional!



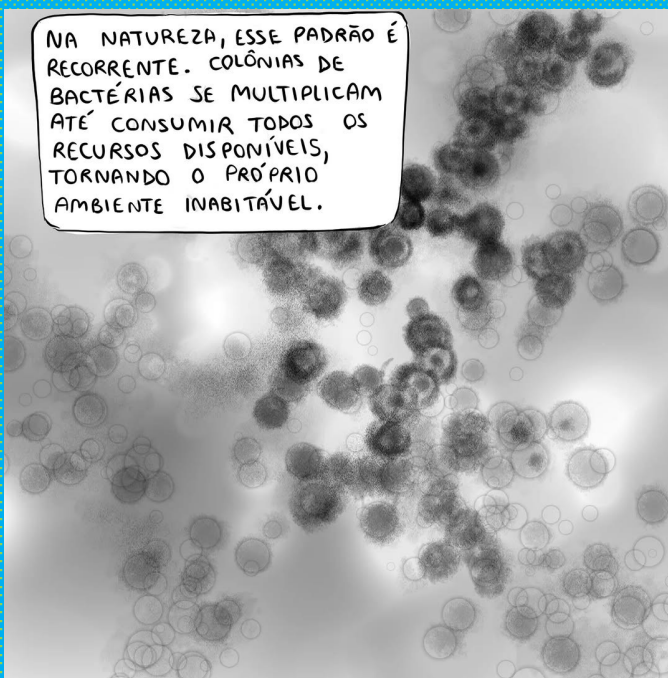
Deseja um contato direto com missionários? Deseja conhecer de perto projetos e contribuir? Deseja fazer parte do que Deus tem feito nas nações? MSM é a ponte entre você e a missão. Clique nesta imagem, ou entre em contato por Whatsapp: [61] 8147-2584

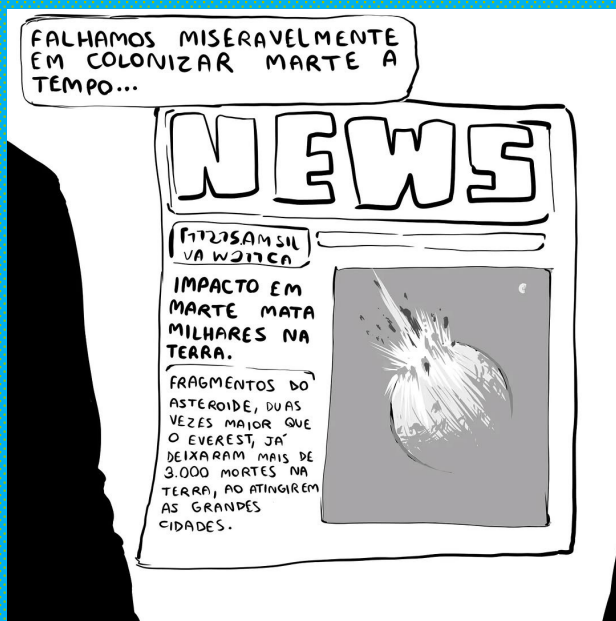
Quadrinhos de Qualquer Coisa

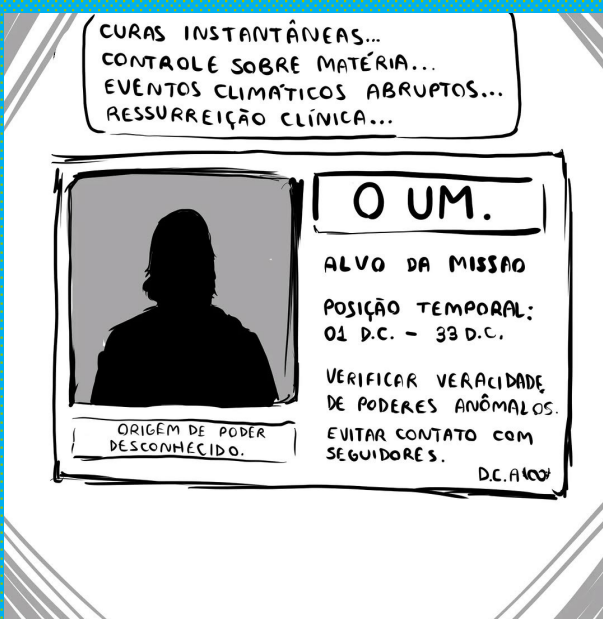
Quadrinhos de Qualquer Coisa é um projeto do desenhista e ilustrador Samuel Silva.

Instagram: <https://www.instagram.com/quadrinhosdequalquercoisa>

Tik Tok: <https://www.tiktok.com/@quadrinhodequalquercoisa>







E NÓS... AGORA POSSUÍMOS
A TECNOLOGIA PARA
INTERROGÁ-LO
DIRETAMENTE.



... ENTÃO VOCÊ
ESTÁ SUGERINDO...

SIM. ENVIAR UM
EMISSÁRIO AO
SÉCULO I... PARA
CONSULTAR JESUS
DE NAZARÉ.



@QUADRINHOSDEQUALQUERCOISA
SAMUEL SILVA.



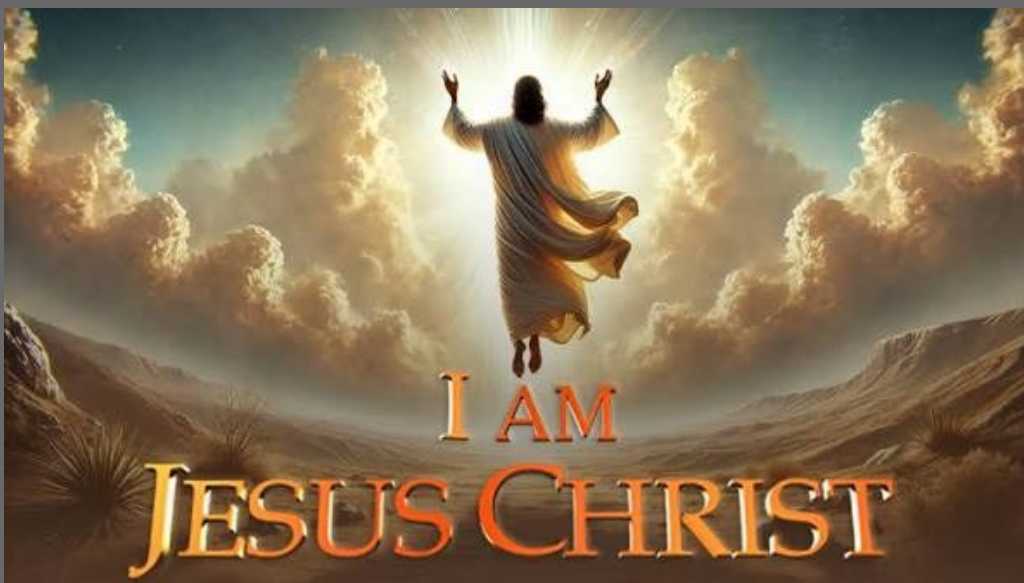
E, por falar em quadrinhos, no quase longínquo 2014 publicamos uma revista eletrônica de número único, com ares de antologia: **Humorejo — Humor Gráfico Evangélico**. Reunindo 17 artistas, a revista traz charges, cartuns, caricaturas e histórias em quadrinhos, que apresentam todo o talento e a versatilidade de nossos artistas. Uma revista que veio a lume com o objetivo de mapear e apresentar aos leitores o fabuloso trabalho desses irmãos, senhores dos mais variados traços e oriundos de diversas gerações.

Baixe a sua pelo Google Drive, [clikando AQUI](#).



GAMES

I Am Jesus Christ é um jogo de aventura em primeira pessoa desenvolvido pelo estúdio polonês SimulaM. A proposta é permitir que o jogador



maneira incompatível com os relatos bíblicos. Em resposta, os desenvolvedores afirmaram que o objetivo do jogo era educativo e respeitoso, procurando se-

acompanhe a vida de Jesus Cristo conforme narrada nos Evangelhos, visitando locais históricos da Palestina do século I, interagindo com discípulos e outros personagens bíblicos, pregando, curando enfermos e realizando milagres como a multiplicação dos pães, a caminhada sobre as águas e a ressurreição de Lázaro.

O projeto começou a chamar atenção internacional ainda em 2019, quando seus primeiros trailers viralizaram nas redes sociais. Parte do público recebeu a ideia com entusiasmo, vendo nela uma forma inédita de explorar as narrativas bíblicas em um meio moderno. Outros reagiram com estranheza ou ceticismo, questionando se a vida de Cristo deveria ser transformada em entretenimento interativo.

POLÊMICA

A principal polêmica envolveu justamente a representação de Jesus como personagem controlável. Alguns críticos argumentaram que isso poderia banalizar ou gamificar eventos considerados sagrados pelos cristãos. Houve também debates sobre a possibilidade de o jogador agir de

guir os Evangelhos e evitar elementos ofensivos ou satíricos.

Apesar das controvérsias, o jogo conquistou visibilidade muito além do público cristão e tornou-se um dos títulos religiosos mais comentados dos últimos anos. Seu lançamento em 2026 marcou



um momento importante para os videogames de temática cristã, demonstrando que projetos inspirados na Bíblia podem alcançar uma audiência internacional e competir em qualidade de produção com muitos jogos independentes do mercado atual.

Confira o jogo na Steam [AQUI](#).

E no site da publicadora, a Play Way, [AQUI](#).

Resenhas

LIVRO / BARRABÁS – ROMANCE – PÄR LAGERKVIST

A oportuna “descoberta” de um Nobel

Conheci Pär Lagerkvist (1891–1974) recentemente e, até então, era-me um completo desconhecido. Talvez, tivesse visto o seu nome quando criança, pois gostava de ler a lista dos “nóbeis”, assim como lia a das seleções campeãs de futebol, dos “óscares” e dos homens mais altos do mundo. Era um garoto de listas e nada melhor do que verificar todos aqueles a escreverem seus nomes na história, ainda que não fizesse a menor ideia de quem fossem.

Assim como os olhos passavam pelas listas, Lagerkvist também passou por eles, sem deixar lembranças.

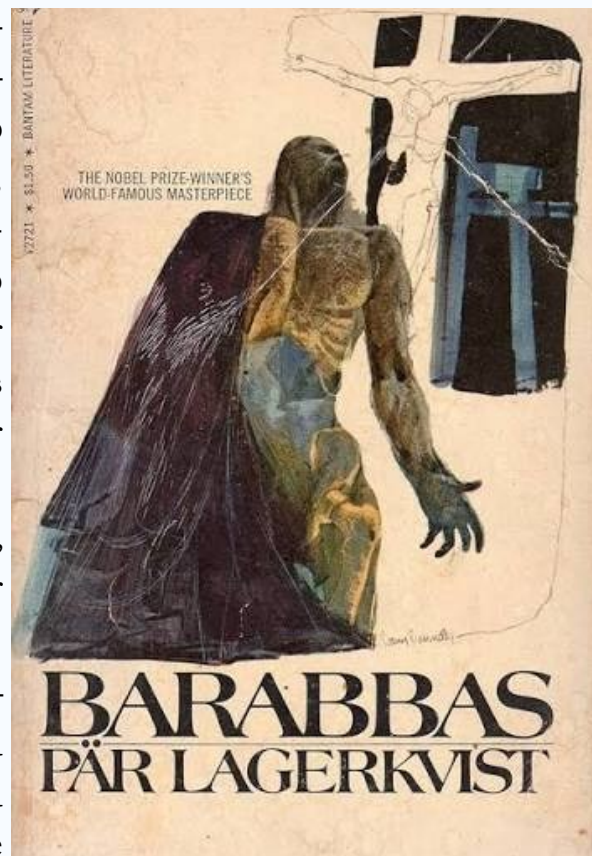
Por conta da indicação de um amigo, comprei o livro “A morte de Ahasverus”, da editora Sator. Infelizmente, ele se perdeu em minha lista caótica de leituras, que está sempre a mudar e lançar novas aquisições para o “limbo” até que paguem as suas penas.

Então, em um sebo, vi uma edição lindíssima da Opera Mundi, de Barrabás, e resolvi fazer jus ao sueco.

Todos sabemos quem foi Barrabás. E Pär traça uma história fictícia, desde os momentos da crucificação de Jesus até a morte do protagonista, décadas depois. Assim como ele, Lagerkvist é econômico na escrita, feita de silêncios — nada barulhenta — quase seca, sem floreios, mas inquietante e reveladora.

É uma história de substituição, quando o bandido é salvo da morte pelo Santo. Barrabás não entende a razão de não ser ele o crucificado, já que Jesus era inocente e puro. Ele não crê — e não há qualquer fé na divindade de Cristo — mas ainda assim reputa injusta a morte do puro. Contudo, algo o inquieta: por que tantas pessoas creem em um homem que se diz Deus mas morre miseravelmente como escravo? E, por que ele, um criminoso, foi poupado?

A partir desse evento, quem conhecia Barrabás, incluindo a amante, nota diferenças em seu comportamento. Ele não é o mesmo. Algo o impulsiona a conhecer



mais do homem e o porquê de tantos venerarem quem o substituiu na cruz. Esse tipo de morte era o mais infame e humilhante entre todos: ao ponto de não ser aplicada a nenhum cidadão romano. Como o profeta poderia ser então o Filho de Deus?... Esse é o cerne do livro. Não se refere à pessoa de Barrabás, mas porque ele não crê, tenta crer, e, ainda assim, as dúvidas não se dissipam, não importando a sua condição momentânea. Ele é um homem de incertezas, muito mais do que se imagina.

Ele segue cristãos, tenta aproximar-se, mas sempre paira sobre ele o estigma de ser o culpado pela morte do mestre. E isso, cada vez mais, cai sobre os ombros como a única convicção.

Quando livre, sente-se preso ao destino. Quando escravo, há apenas resignação. E se busca compreender aquele fato — o divisor da sua vida — nada parece fazer sentido, nem mesmo quando a fé alheia põe à prova o seu ceticismo.

Não é questão de hipóteses metafísicas, onde a mente passeia sem pisar em terra firme, mas de sentido onde a razão é um fio de cabelo solto na ventania.

E, talvez, os verdadeiros grilhões sejam a impossibilidade de fé, e dela arrastá-lo como um trapo na lama.

Ele, o liberto, está mais preso do que nunca. O vivo, está morto. Enquanto o crucificado vive. Ainda que na alma de uma multidão de súditos, dispostos a morrer para manterem-se escravos. Qual a lógica?... Está muito além da sua compreensão. Mas, no íntimo, como gostaria de prová-la.

Lagerkvist não culpa ou absolve Barrabás. Revela a sua humanidade: do homem caído, sem rumo, e cujo coração, moldado pela descrença, não sabe no que crê, ou melhor, se recusa a crer... Nada de amigos, cúmplices, deuses e, nem ele mesmo. A medalha com os dizeres: “Christos Iesus” feita pelo colega, Sabak — um cristão — e posteriormente riscada — com uma cruz — pelo governador romano, a quem serviam, era mais um emblema de maldição do que graça.

Diante da morte, Barrabás apostata, sem nunca na verdade ter se convertido, enquanto Sabak permanece firme em sua fé, e, por ela, é condenado à morte.

No fim, o homem a quem Barrabás perseguiu mas jamais alcançou, trouxe-lhe à mente as suas últimas palavras:

— A ti entrego a minha alma.

E não sabemos se a verdade enfim o salvou... Apesar da morte.

Concursos Literários

Uma seleção de canais de divulgação de concursos literários, editais e chamadas para publicação.

Blog Concursos Literários — <https://concursos-literarios.blogspot.com/>

Seleções Literárias — <https://selecoesliterarias.com.br/>

Concursos Literários — <https://www.concursos-literarios.com/>

Publishnews — <https://www.publishnews.com.br/editorias/noticias/premios-e-concursos>

PHARMACIA

Nunca Te Arreponderás

De teres refreado a língua, quando pretendias dizer o que não convinha ou o que não era verdade.

De teres formado o melhor conceito sobre o proceder de outrem.

De teres perdoado aos que te fizeram mal.

De teres contribuído para o sustento da tua Igreja e obras de beneficência.

De teres cumprido pontualmente tuas promessas bem pensadas.

De teres suportado com paciência as faltas alheias.

De teres dirigido palavras bondosas aos desventurados e tristes.

De teres simpatizado com os oprimidos.

De teres pedido perdão por falta cometida.

De teres recusado ouvir anedotas inconvenientes e ler escritos da mesma natureza.

De teres escolhido, com prazer, pensamentos, discursos e leituras edificantes.

De teres pensado antes de falar.

De teres honrado a teus pais e superiores.

De teres sido cortês e honesto em tudo e com todos.

C.C.M.S. / Malba Tahan – Lendas do Céu e da Terra (adaptado)

O remédio maravilhoso

Para todos os momentos difíceis,
para todos os momentos de dor,
para todos os momentos de dúvida,
para todos os momentos de angústia,
para todos os momentos de desespero:
lembrar-se de Deus,
entregar-se a Deus,
esperar em Deus,
e vencer com Deus.

**Mantenho seis homens-servos honestos;
Eles me ensinaram tudo o que sabiam.**

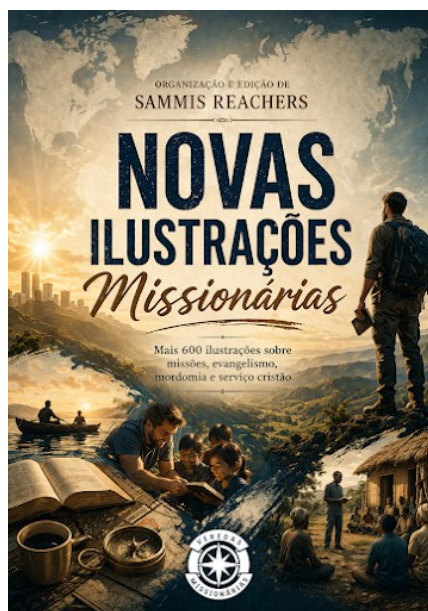
Seus nomes são:

**O Quê, Por quê, Quando,
Como, Onde e Quem.**

Rudyard Kipling

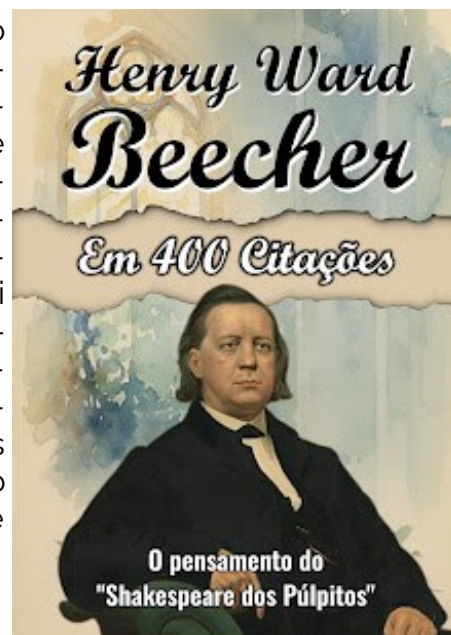
**A verdadeira generosidade para com o
futuro consiste em dar tudo ao presente.**

Albert Camus



Novas Ilustrações Missionárias: Mais 600 ilustrações sobre missões, evangelismo, mordomia e serviço cristão — Após as seletas de [Ilustrações Missionárias](#) (2020) e as incluídas no [Almanaque do Mobilizador Missionário](#) (2024), eis que voltamos à carga, apresentando à igreja textos cuja preciosidade *precisa ser compartilhada*. Uma ilustração, verdadeiro canivete suíço, é uma ferramenta homilética, evangelística, devocional e motivacional, útil em todos os momentos: Pode ser usada durante uma pregação, ou na evangelização individual; serve de inspiração em seu momento devocional em grupo ou a sós; e contribui para enriquecer textos e publicações as mais diversas. A título de ilustrações, aqui o leitor encontrará de parábolas e fábulas morais a testemunhos de vida e fé, de poemas e orações edificantes a pequenas reflexões, teológicas e práticas, sobre o serviço cristão e a missão, coligidas das mais diversas fontes. BAIXE O E-BOOK PELO GOOGLE DRIVE, [CLIQUE AQUI](#).

Henry Ward Beecher em 400 Citações — O norte-americano Henry Ward Beecher (1813 – 1887) foi um dos pregadores protestantes mais influentes do século XIX, além de escritor, reformador social e orador público de enorme prestígio. Ardente abolicionista e defensor da união durante a Guerra Civil Americana, seu pensamento cristão foi marcado por uma teologia centrada no amor de Deus, em contraste com o tom severo do calvinismo tradicional herdado de gerações anteriores. Beecher foi chamado por Charles Spurgeon de “o Shakespeare dos púlpitos”, por capacidade de perceber as profundidades multifacetadas da alma humana, e desenvolver seus temas de forma poética. Sua vasta obra infelizmente possui pouquíssimas traduções para nossa língua. Este breve e GRATUITO e-book, reunindo uma coleção de citações extraídas de diversos de seus livros, é um esforço para tornar mais conhecido o seu pensamento. BAIXE O E-BOOK PELO GOOGLE DRIVE, [CLIQUE AQUI](#).



Palavras de Vida: Auxílios da vida para todos os momentos — Há uma certeza que se apresenta a todos na vida: Cada um de nós, num momento ou noutro, passará por dificuldades. Dificuldades que podem se manifestar das mais diversas formas, de doenças a questionamentos sobre o sentido da vida.

Este é um e-book breve e bastante prático, composto de textos independentes, feitos como pequenos roteiros, a serem lidos e consultados sempre que necessário; você também pode utilizá-los como estudos guiados, aumentando seu conhecimento das verdades eternas. Leia e compartilhe!

BAIXE O E-BOOK PELO GOOGLE DRIVE, [CLIQUE AQUI](#).

PARLATORIUM

“Cristo é mais artista que os artistas; Ele trabalha no espírito vivo e na carne viva, faz homens em vez de estátuas.”

Vincent van Gogh

“Beleza é a deslumbrante exibição da verdade e da bondade de Deus refletidas na glória e na santidade de sua pessoa e obra, na encarnação e no mundo criado. A beleza é o que atrai em Deus; a beleza é o que arrebatava os olhos do coração ao contemplar Cristo pela fé mediante a Palavra.”

T. Chris Cain

“É impossível progredir em projetos importantes quando nossas agendas estão cheias de tarefas irrelevantes.”

Michael Hyatt

“Criar é concelebrar com Deus, a Deus, em Deus.”

Sammis Reachers

“Conservar não é imobilizar o passado, mas preservar valores permanentes diante das mudanças inevitáveis.”

Miguel Reale

“O evangelho avança na mesma velocidade que os relacionamentos.”

Jurie Kriel

“Devemos ser bons leitores, porque Deus escreveu um livro.”

John Piper

“Acreditar em Deus significa compreender que os fatos do mundo não são o fim da questão.”

Ludwig Wittgenstein

CLIQUE SOBRE AS CAPAS PARA BAIXAR

NOSSAS EDIÇÕES ANTERIORES

